

Código de identificação do ficheiro: STE01-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1979
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b01A faixa: 1Ac17b01a min: 02:03-03:11	Inquiridor2:
Assunto: A lâ	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 01	Data da primeira transcrição: Abr.06 Data da revisão final: Out.06

INQ E na murta era com a água a ferver?

INF Era.

INQ Naquela...

INF Metia-se a água fervendo na murta. {IP|tavẽ=Estava} acolá aquele caldeiro [AB|da, do] da água a ferver, tirava-se-{PH|li=lhe} as folhas da murta para fora, botava-se aquela água num alguidar de apisoar lâ – muito grande! –, e botava-se ali [AB|a, a co-] a serguilha. Depois {IP|tavẽ=estava} ali de molho ali uns dias. Dois dias, ou um dia ou dois, era assim. E depois ia-se {PH|o=ao} lameiro, botava-se aquilo [AB|num] num remendo para se então [AB|fazer a, ti-] untar toda, toda, toda, para ficar ali.

INQ Mas como é que se apisoava?

INF Apisoar era antes de tingir. É depois de tirar do tear, num alguidar muito grande, de barro, muito largo, muito largo! Era então homens é que eles apisoavam! Com água quente, bem quente, ia-se botando na serguilha e {IP|tẽw=estão} dois homens assim, assim de joelhos.

INQ Rhum-rhum.

INF Assim, {fp} batia-se, batiam, batiam, para ela ficar ali muito tapada, muito dura, muito dura!

INQ Com as mãos?

INF Aquela lâ fazia [AB|como, como] como um pelozinho. {pp} Com as mãos, apisoavam muito tempo, muito tempo.

INQ Rhum-rhum.

INF E depois disso então que era [AB|para] para ir {CT|pa=para} murta, para riba da murta, para tingir.

INQ Pois, pois.

INF Depois de tingida, então lavava-se, ficava pronta.

INQ Ficava pronta.

INF Eu lembra-me a minha mãe fazer isso.

Código de identificação do ficheiro: STE02-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b01A faixa: 1Ac17b01a min: 17:10-18:20	Inquiridor2:
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 02	
Data da primeira transcrição: Abr.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ O que é que se costumava fazer de enchidos, aqui?

INF De?...

INQ Enchidos. Portanto, fazia-se a morcela, e que mais?

INF E as chouriças.

INQ Que era com carne?

INF E molhos.

INQ Diga?

INF Faziam molhos. Molhos.

INQ O que é?

INF Carne picada com toucinho, cebola, salsa, todos os temperos, canela, colorau... E [AB]pic-] picavam bocadinhos de carne, pica-se o coração de porco, [AB]le{fp}} e com um bocadinho de toicinho, em princípio sempre mais gordo. E depois, [AB]lo bucho faz-se] do bucho faz-se dois molhos, cozem-se com linhas, fazem-se umas saquinhas, e do paio fazem outro molho. E depois, do toicinho, a pele do toicinho vai-se talhando assim às saquinhas e cosendo com linhas. E [AB]la, e aqueles] aquilo mete-se dentro daquilo {pp} para cozer, que são bons. Isso, com batatas-doces é então muito bom!

INQ Mas que tinha que se comer logo na altura, ou podia-se comer assim noutra altura?

INF Pode-se, pode-se. Pode-se dar aquele tempo... Naquele dia não se come os molhos; logo no outro dia, {IP}tasi=está-se} derretendo, também já não se precisa de comer os molhos, é os torresmos. E podem-se dar uma fervura na panela; um nada de sal na água, faz-se uma fervura [AB]le, e] e guarda-se, ou bota-se na {FR}frizv='freezer'}, quem tem. Quem não tem guarda uns dois ou três dias.

Código de identificação do ficheiro: STE03-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b01A faixa: 1Ac17b01a min: 18:32-19:06	Inquiridor2:
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 03	
Data da primeira transcrição: Abr.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ Portanto, fazia os chouriços?

INF Os chouriços. [ABIÉ da ca-] É de carne. [ABIEsse então, esse então]

INQ Mas é... Chamava-se só chouriço ou chamava linguiça?...

INF [ABIChouriços, ai há] Fazem-se linguiça – que a sua carne tem lá uns dias de curtume então, a carne – e é [ABlos chouriços de co-] o chouriço de carne – que é diferente, não {IP|ta=está} tanto tempo de curtume – e é o chouriço moiro, é com as peles de porco.

INQ Rhum-rhum.

INF [ABIPicam-se ele] Moem-se no moinho de moer.

INQ Depois de frita?

INF Sim. [ABI(Tempera-se), tempera-se com] Tempera-se com o tempero mesmo dos chouriços e faz-se. Também caldeia-se um bocadinho de carne.

INQ Rhum-rhum.

INF E para comer com batatas ou pão é muito bom, quente.

INQ É ótimo!

Código de identificação do ficheiro: STE04-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Isménia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b01A faixa: 1Ac17b01a min: 44:11-46:41	Inquiridor2:
Assunto: A passagem do tempo – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 04	Data da primeira transcrição: Abr.06 Data da revisão final: Out.06

INQ Olhe, e antigamente quando não havia electricidade, as pessoas às vezes tinham uma coisa com que se alumiam. Uma coisa alta, branca, feita de cera...

INF1 Ai, era. Chamava-se palmatória.

INQ Uma?...

INF1 Palmatória.

INQ E o que é que punha dentro da palmatória?

INF1 Era uma vela. Mas, nalgum tempo – era um triste meio de iluminação, mesmo! –, {fp} faziam sebo. Com sebo de reses ou carneiro, derretiam. E depois tinham umas veleiras, [ABlumas] uns canudos [ABlde] de lata, as veleiras, como se chamavam. E depois derretiam aquele sebo, botavam aquelas velas amarradinhas assim com um paviozinho no meio [ABldentro dum] em água, numa infusa assim em que entrasse assim por cima aquelas velas, e iam enchendo de sebo. Aquilo talhava e aquilo é que [ABlera] era a iluminação.

INQ E o que é que lá punham dentro da, da, do sebo, lembra-se?

INF1 [ABlEra] Era um pavio [ABlda, da] de torcida de algodão, torcer ali fios de algodão e {PHlfe'ziēwnu=faziam o} pavio.

INQ Pois.

INF1 [ABIE{fp}] E muitas vezes era derreter o sebo. Isso é que é bolo de sebo. E com um testo [ABlde], um testo...

INQ Pois, de uma panela.

INF1 Sim senhor. Botava-se a bolada [ABlda] daquele sebo, e com uma torcida [ABlde] de trapo, dum pano branco, [ABlia-se, ia-se acolá, ia-se acolá] ia enrolando numa mesa qualquer onde a gente estava (...)... E outras vezes era com azeite de cagarro.

INQ Com azeite?...

INF1 De cagarro. O meu marido quando chegava-se o mês de Agosto, Setembro e Outubro, a sua vida era ir {CT|pa3=para as} rochas, que eu então temia daquilo! E ele trazia ali um avianço de cagarros! A

gente até chegava a casa, [ABldeit-] depenava-os todos. [ABlf-] Depenava-os e depois deitávamos assim num (remendinho), com palha de restolho [ABlde] dos trigos por cima, fogueavam-se, tornavam-se a virar, do outro lado tornavam-se a foguear. Depois, [ABlquando fo-] depois de fogueados, varria-se com uma vassoirinha. Tirava-se aquele azeite, tudo, ia-se tirando [ABltodo] aquele azeite todo para uma...

INQ Mas o azeite estava aonde?

INF1 Pois aquela pele {PHl'tějnu=tem o} azeite do cagarro.

INQ Ah!

INF1 E depois [ABlq-] aquele azeite é derretido numa caldeira, ou numa panela, ou coisa, grande, e a gente a vai... Ele quase todos os anos a gente arranjava seis canadas [ABlde] de azeite de cagarro.

Aquilo é (...)! Vai-se [ABlalumiar] alumiar a fazer as nossas camisolas, de fiar lâ; a gente era sempre alumiaava-se era com aquilo.

INF2 (...)

INF1 (...) A gente morava na Castelhana. Eu {PHlnẽ=não} sei... Aquele era um pobre meio de iluminação. E quando não era aquilo, que a gente tinha aquilo, não era com um candeeiro. Era só esses candeeiros de...

INQ Pois.

INF1 Era com uma grisetazinha – os latoeiros 'fazem-a' {fp} de lata – e com aquilo (tão) pequenino a gente fazia camisolas, fazíamos {pp} tudo,

INQ Sim senhor.

INF1 fiar lâ, e remendar, e [ABlfazer] fiar estopa, fiar linho e essas coisas.

Código de identificação do ficheiro: STE05-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b01A faixa: 1Ac17b01a min: 54:14-55:43	Inquiridor2:
Assunto: A passagem do tempo – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 05	Data da primeira transcrição: Abr.06 Data da revisão final: Out.06

INF E para acender o lume era outros trabalhos! Era preciso às vezes ir pedir lume por as casas alheias [AB]que não havia] que não havia palhitos – fósforos.

INQ Palhitos, o que é?

INF É os fósforos, mas a gente...

INQ Cá diz-se palhitos, é?

INF [AB]a-se] Íamos por as casas alheias, era então: "Brasinha de lume para acender o lume"! Acendiam ao lume porque não havia fósforos. E outras vezes, os homens usavam um isqueiro e um fuzil – não sabe? –, precisamente. Com aquele nada de isca faziam assim lume (...), a gente botava dentro dumas vassourinhas de urze e íamos {CT}pa=para a} porta da rua, assim, para cá e para lá, para cá e para lá, para acender a vassoura, o lume.

INQ Claro, claro.

INF Íamos de carreira pelo corredor adiante [Risos] {CT}pø=para o} lume se não apagar. Ai, [AB]listo era] isto era triste!

INQ Já lá vai muitos anos, disso?

INF Ele há anos, há. Eu era bem novinha então. [AB]Mas agora] Mas agora é assim: em troca das achinhas e dos pauzinhos, há petróleo. Aquilo é um tal a dar! [AB]Não] Vida como se está bem levando agora, [AB]nunca] nunca passou por Santa Maria.

INQ Sim senhora.

INF É, não. Não sei. Tudo vai correndo bem, tudo, tudo! Tudo a pão de trigo! Os velhinhos a ganhar um dinheirinho também que não ganhavam nada.

INQ Da reforma?

INF De reforma. {fp} O meu marido se era vivo [AB]não] – quando eu criei onze filhos –, não precisava de trabalhar tanto como ele trabalhava, de noite e de dia. A trabalhar {PH}íde=ainda} de jornal, {PH}íde=ainda} vinha para casa fazer serviço de carpinteiro para se poder comer, (ora), ou

comprar o 'pãezinho'. Agora, em {IP|'tədũ=estando} grandes, [AB|os pais] os filhos vêm pelos pais. O meu Jónatas, que tem muitos filhos, eles vêm pelos pais. E os pais, {fp} os velhos – os velhinhos também –, vão-lhe dando para si. Pois dão-lhe aquele abonozinho que seja por amor de Deus. A gente também as duas estamos ganhando.

Código de identificação do ficheiro: STE06-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Isménia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 21:06-24:55	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: A passagem do tempo – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 06	Data da primeira transcrição: Abr.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Então explique-me lá a barrela? Como é que se fazia?

INF1 A barrela, faziam... Depois [AB]de a roupa lavada] de a roupa preparada,

INQ1 Pois.

INF1 botavam-na [AB]num] num cesto mesmo próprio, nuns cestos redondos assim, que levavam a roupa branca, e depois botavam um pano por cima com cinza – vê a limpeza também? –, (ele) com cinza. E botavam [AB]aq-] a água fervendo assim por cima.

INQ1 Pois.

INF1 E ficava ali aquilo. Era só.

INQ1 E-, esse pano tinha algum nome?

INF1 Senhora?

INQ1 O pano, como é que chamavam a esse pano? O pano de fazer, de pôr, de pôr a cinza?

INF2 Pano de estopa.

INF1 Ai! Era um pano de estopa. Era uma coisa grossa que se botava assim por cima.

INQ1 Pano de estopa? Sim senhor. Olhe, e agora com o que é que se lava? Agora, quer dizer, e antigamente já se lavava também, com quê?

INF1 Antigamente {pp} era com muito pouquinho sabão que não havia dinheiro para comprar.

Esperava-se a gente {CT}pa3=para as} galinhas {PH}porẽjnu=porem o} ovo [AB]para se ir] para se ir comprar o sabão à loja, para se poder...

INQ1 Para trocar por ovo, era?

INF1 Era. Estão a tocar à Santíssima Trindade.

INQ1 Trocavam, trocavam o pão por os ovos?

INF1 São as Trindades. Trocavam.

INQ1 Trocavam o pão por ovos, era?

INF1 Esperava-se {CT}pa=para a} galinha pôr, para se ir à loja [AB]comprar o sa-, com] com o ovo para comprar o sabão.

INQ1 *Pelo sabão.*

INF1 Para o sabão que não havia com quê.

INQ1 *Mas nessa altura não se comprava com dinheiro? Comprava-se com ovos, era?*

INF1 Quem tinha dinheiro comprava com dinheiro; quem {PH|nẽ=não} tinha dinheiro, era com os ovinhos das galinhas. Não era dinheiro.

INQ1 *Era o que se usava mais para troca era os ovos das galinhas?*

INF1 Era, era. Isso era o trabalho para sabão e {CT|pɔɜ=para os} negócios da casa.

INQ2 *Quanto é que valia um ovo naquela altura?*

INF1 Vinte centavos.

INQ1 *Vinte centavos.*

INF1 Vinte centavos. (...) Começou primeiro centavos, depois foi indo {CT|pɔ=para o} escudo, depois foi-se {PH|ɛsu'βĩdu=subindo}, agora já têm {PH|nẽ=não} sei se é dois e meio [AB|cada c-] cada ovo.

INQ2 *Mas a senhora, portanto, se ia com um ovo à loja não trazia um... O que é que trazia de sabão, que quantidade?*

INF1 Um escudo de sabão. E então nalgum tempo {PH|'idẽ=ainda} [AB|era] era um lindo bocadinho.

Agora já não se vende um escudo de sabão. E mesmo os dois escudos já não valem nada.

INQ1 *Pois.*

INF1 {fp} É assim.

INQ2 *Rhum-rhum. Mas aquele sabão que comprava costumava vir numa coisa assim?...*

INF1 Umas barras. É, mas é que a gente comprava bocadinhos. Um escudo, ou dois escudos, assim.

INQ1 *E que dava para quantas lavagens de roupa? Na sua casa, que eram muitos filhos, quanto é que dava?*

INF1 [AB|Ah, a gente] Ia tudo junto.

INF2 (...)

INF1 Eram três cestos de roupa que a gente levava {CT|pa=para a} ribeira. Eram [AB|on-] onze filhos;

INQ1 *Pois.*

INF1 com a gente os dois eram treze; e esta catorze; minha cunhada Isaura – uma irmã desta que enviuvou, que {PH|nẽ=não} tinha família; era aquela que {IP|'tavẽ=estava} além naquele quarto que lhe ia mostrar; {IP|'tevi=esteve} ainda treze anos aqui depois de o seu marido morrer –, éramos quinze pessoas. Meu pai e minha mãe veio, também. Já {PH|nẽ=não} podiam trabalhar, vieram lá da Castelhana, eram quinze, dezasseis, dezassete pessoas.

INQ1 *Tchi! Era uma casa cheia!*

INQ2 *E não se costumava fazer sabão aqui?*

INF1 Sim senhor.

INQ2 *De que é que fazia?*

INF1 [AB|Minha] Minha mãe fazia. Era com sebo.

INQ1 *Com sebo?*

INF1 Sebo. Não sei bem mas eu estou quase certa; {PHI'ide=ainda} era criança, mas (é). Sebo e depois compravam uma coisa de potassa, que é o que fazia a espuma, e {fp} cinza – também era cinza!

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 [ABIEles ferviam aquilo] Minha mãe fervia aquilo, depois deitava num alguidar grande, então. Depois aquilo ficava ali [ABlaq-] dum dia {CT|pɔ=para o} outro, depois talhava e então é que se cortava assim {PHlɔ]=aos} pedacinhos. Ah, mas era mole sempre.

INQ1 Pois.

INF1 Ensopava. (Mesmo) aquilo por endurecer, assim muito mole, rendia muito bem.

INQ1 Pois.

INF1 Pois ele era, não havia. Então, no tempo, não havia sabão.

INQ1 Pois, pois.

INF1 E linhas. Acabou-se as linhas de todo. Pegavam [ABlnas] nas tabuas [ABlsebo-] – tabuas chamam (lá eles)...

INQ1 Sim senhora.

INF1 Uma tabua.

INQ1 Sisal?

INF1 Babosas. Aquelas babosas toneiras muito grandes.

INQ1 Ah, sim senhora.

INF1 Iam com aquelas folhas, {fp} uma pessoa batia bem batido, bem batido, para tirar [ABlaquela] aquele de fora e aqueles {PHI'fjẽpuɜ=fiapos} brancos. E aquelas linhas era para se arremendar e para durar mais, que não havia.

INQ1 Sim senhora.

INF1 {IP!'tevi=Esteve} então muito tempo... E água salgada que se ia buscar para temperarem o pão, e para temperarem açorda, que não havia. [ABl{IP!'tevi=Esteve}] {IP!'tave=Estava} tempos que não havia nem uma caixotinha de...

INQ1 Pois.

INF1 É. E temperávamos muitas vezes assim.

INQ1 Portanto, iam buscar água salgada para temperar a comida?

INF1 Rhum. Do mar.

INQ2 Isso foi na altura da guerra?

INF1 Ah, isso também já me lembra também disso.

Código de identificação do ficheiro: STE07-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 33:34-34:01	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 07	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ A senhora, a senhora diz que têm a água da cisterna, é? Não têm , não há...

INF Ah, eu não meti água [AB|não meti água da, da] da{fp}...

INQ Dos canos?

INF Não os meti.

INQ Não meteu?

INF Para tirar a cisterna, ele lá não sabe. [AB|Lá o meu] Então o meu genro, que é o marido da Isaurinda, disse – também tem água em casa – por aquilo que se fala, não convinha. Como a gente tinha assim uma cisterna, (num ano que), se faltasse, íamos buscar à sua.

INQ Mas como é que a água da senhora enche? É com a chuva, com a água da chuva?

INF É. É. Ela leva vinte pipas. Leva muita água só {CT|pa=para a} gente as duas! Dá para lavar todo o ano!

Código de identificação do ficheiro: STE08-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 38:49-40:37	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A família: relações de parentesco	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 08	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Portanto, e a senhora quando casou foi viver em casa de quem?

INF1 De meu sogro. E juntamente mais esta minha cunhada. E {PHI¹ide=ainda} tinha meu sogro.

{PHI¹ide=Ainda} vivi juntamente com meu sogro, quatro anos com ele vivo. É.

INQ1 Mas não é mais... E, portanto, quem é que costuma ir para casa do, do, dos sogros, é o rapaz ou é a mulher? A senhora foi para casa do seu sogro. Mas, por exemplo, todas as raparigas que casavam iam viver para casa do sogro?

INF1 Não! Foi porque [ABLEle, ele te-] ele fez um quartinho mesmo apegado à casa do pai. Morávamos ali todos juntos. {pp} Vivi sempre juntamente mais a minha cunhada.

INQ2 Mas como é que era costume? Mas, portanto, a senhora foi para casa do seu sogro porquê?

Porque é que não foi para casa da sua, dos seus pais, com o, com o marido?

INF1 Ah! Ah, o meu pai não queria ajuntamentos, então. É que o meu pai os que iam casando, iam saindo. Ele não queria ajuntamentos.

INF2 Pronto.

INQ2 Mas porque eram muitos?

INF1 Não eram. Era o meu pai e a minha mãe e tinham-me lá. Éramos só três filhas.

INQ2 Ah, eram só três filhas?

INF1 {IP¹ta=Está} uma na América e a minha irmã Isilda já estava casada (...).

INQ1 Então e se, por exemplo, o seu sogro fosse da mesma opinião que o seu pai, que também não queria?... Como é que faziam? Faziam uma casa para viver?

INF1 Ele fez um quarto porque [AB¹la sua] a mãe do meu marido já tinha morrido já há anos. Ele fez um quarto ali mesmo ali juntos para não ficarem sozinhos [ABLEsta] esta mais seu pai. Seu pai já era velhinho.

INQ2 Ah pois. Portanto, era porque o pai não tinha, já não era casado?...

INF1 Era. Era velhinho.

INQ2 Já era viúvo?

INF1 Viúvo.

INQ1 Mas nenhuma das suas irmãs ficou a viver com o seu pai depois de ter casado? Eles ficaram depois so-...

INF1 Cada uma fugiu para a sua vida. Se quisessem {IP|tar=estar} juntas que {IP|ti'vesẽj=estivessem} solteiras, meu pai dizia assim.

INQ1 Como é que era?

INF1 [AB|Se {IP|ti'vesẽj=estivessem}] Se quisessem {IP|tar=estar} mais eles, que

{IP|ti'vesẽj=estivessem} solteiras, que não fossem então procurar os seus namorados. [Risos] E tinha razão! Ora!

INQ1 Pois. Não, mas a maior p-, portanto, não acontecia mais vezes que o rapaz é que vinha viver para casa do, do sogro? Portanto, a rapariga não saía de casa quando casava...

INF1 Às vezes, alguns era. A gente aí já foi assim, se ajuntaram (já foi antes) de mim!

Código de identificação do ficheiro: STE09-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3º classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 41:27-45:30	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A vida humana	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 09	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Normalmente, as p-, o que é que os pais da noiva têm que dar e o que é que os pais do noivo têm que dar?

INF Ah, que aquilo então não tem tabela! Aqui é conforme.

INQ1 Conforme que se pode!

INQ2 Conforme podem!

INF É. Há um que tem direito...

INQ1 Mas, por exemplo, a noiva dava sempre para o quarto...

INF É direito à noiva levar a cama {pp} e as coisas de cozinha – a cama e as roupas de cama –

INQ2 Pois.

INF e o noivo levar [ABla{fp}] a mesa do quarto-de-jantar – que é direito ser ele –, {pp} [ABle a mesa de] e a mesa da cozinha também costuma a ser o noivo. Mas é alguns e outros não é.

INQ1 Pois.

INQ2 Claro.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Mas quando podem é assim?

INF É.

INQ2 Sim senhor.

INQ1 E quem é que paga a boda?

INF Ah, então meu pai [ABlé que fe-] é que pagou e eles também lá. Ele mesmo o meu marido é que {IP|tavæ=estava} ganhando para casa, porque o meu sogro já era velhinho, é que fez aquilo tudo à sua custa.

INQ2 Mas normalmente quem é que paga a boda?

INQ1 É o pai da noiva?

INF Ah, pois é os pais!

INQ2 Os pais de quem?

INF [AB|Os pais] A noiva paga [AB|o, o jant-] o jantar e o almoço é o noivo. [AB|O meu pai em casa]

INQ2 O almoço do dia seguinte?

INF Não senhora. Dão o almoço da manhã. Costuma ser {fp} comida duas vezes em certos lugares. É: almoçam, é massa – então é massa, não têm carnes –; depois vão {CT|pa=para a} igreja e depois de ir para a igreja voltam para casa da noiva e é que têm então o seu jantar.

INQ1 Onde é que eles almoçavam antes de ir para a igreja?

INQ2 Em casa de quem?

INQ1 Onde é que era o almoço em casa, antes de eles irem à igreja?

INF Era mesmo em casa [AB|do so-] do pai do noivo.

INQ1 Do pai do noivo?

INF Era.

INQ1 Depois iam à igreja, e depois de vir da igreja...

INF Para casa da noiva.

INQ1 Para casa da noiva?

INF Era.

INQ2 Da, a casa do pai da noiva?

INQ1 E o que é que se comia ao almoço e o que é que se comia ao jantar?

INF Ah, pois comiam então... Sempre comiam umas coisinhas boas! Porque faziam biscoitinhos, massa sovada, malaçadas, assim coisas [AB|d-] doces. E o jantar ainda tinha mais, tinha carnes guisadas, [AB|carnes{fp}] malaçada...

INQ2 Rhum.

INF Era diferente.

INQ1 E quem é que ia ao casamento? Ia toda a gente ou quem é que se convidava?

INF É só os parentes e os conhecidos, tanto da noiva como do noivo. É os parentes.

INQ1 E amigos iam também?

INF Sim, iam.

INQ1 E os conhecidos?

INF Conhecidos e afilhados, assim do noivo, ou mesmo da noiva. E era assim.

INQ1 E quem é que se escolhia para padrinho normalmente?

INF Ah, isso então era (ele) quem é que eles tinham o gosto de levar.

INQ2 Quem? Os noivos?

INF É. Tanto a noiva como o noivo.

INQ1 É que escolhiam.

INF Nalgum tempo era somente [AB|os] o padrinho {CT|pɔ=para o} noivo e a madrinha {CT|pa=para a} noiva. Não tinham então... Agora é dois padrinhos e duas madrinhas.

INQ2 Pois.

INF Mas agora é diferente.

INQ1 Mas portanto...

INQ2 Ai, antigamente... Espera aí. Antigamente era a madrinha que era para a, para a noiva...

INF {CT|pa=Para a} noiva e o padrinho {CT|pɔ=para o} noivo.

INQ2 E o padrinho que era para o noivo, para o noivo.

INF Era assim, pois.

INQ2 E eram os, os próprios noivos que escolhiam?

INF Era.

INQ2 Portanto, o, o noivo também dizia alguma coisa à noiva sobre a madrinha, ou não? Ou não escolhia?

INF Ah pois. Sempre combinavam {fp}...

INQ2 Combinavam entre eles?

INF Era.

INQ1 E, e geralmente eram pessoas quê? Da família, ou amigos, ou conhecidos?

INF Às vezes eram de famílias. Eram conhecidos, amigos e, se calhar, às vezes, eram as famílias.

INQ1 Por exemplo, os seus, os seus padrinhos?

INF Os meus padrinhos eram [ABlf-] de famílias.

INQ1 Eram de família?

INF Eram.

INQ1 E o padrinho é, dá qualquer coisa? Por exemplo, para a, para a boda ou, ou oferece a?...

INF Oferece qualquer coisa. Até [ABlofe-, qualquer] ofereceram foi dinheiro. Não ofereceram... Às vezes, alguns dão{fp} roupas, ou coisas [ABlde{fp}] {pp} de cima [ABlda{fp}, da] da cómoda, loiças.

INQ2 Pois.

INF E antes então... Nalgum tempo não se ajuntava como agora!

INQ1 Claro.

INF [ABIE os] E os noivos agora, todos levam sua oferta! Tudo! E agora já há. Naquele tempo não se levava.

INQ2 Claro.

INF [ABINão agarra-, não{fp}] Não (ajuntavam) nada, antes.

INQ2 Pois.

INQ1 Os que se convidavam, portanto, as pessoas convidadas nunca, nunca levavam nada?

INF Não levavam nada, não senhor. Agora já tudo leva!

INQ2 Pois.

INF Quando se vai [ABla um] a uns noivos, tem que se levar a sua oferta.

INQ1 Pois. E qual era o dia, mais ou menos, que se escolhia para casar? Era a meio da semana, ao fim da semana?...

INF Alguns têm [ABluma] uma superstição de se calhar à terça e à sexta que [ABlnão] não se casavam porque [ABlé] é dias que não tinham não sei se era sorte. Era uma superstição, que aquilo que é mentiras! Era segundas e quartas e sábados. E à quinta também.

INQ1 E ao domingo?

INF [ABIEle à sexta] {PHl= Ao} domingo não era muito. Aqui então em Santo Espírito não era muitos {PHl=ao} domingo. Agora como aí para baixo {CTlpa=para a} vila, já é quase sempre {PHl=ao} domingo. [ABIMas]

INQ2 Mas aqui não era ao domingo porquê?

INF [AB|Não se, não] Não tinham esse costume aqui.

INQ2 Pois.

INF Era sempre de semana.

INQ1 A senhora em que dia é que casou?

INF A uma quinta-feira. {pp} Já há cinquenta [AB|e] {pp} e um ano. Fez agora no dia 11 de... Vai fazer no dia 11 de Novembro cinquenta e um.

Código de identificação do ficheiro: STE10-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 46:27-47:33	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: A vida humana	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 10	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Usavam aliança, era?

INF Era, mas [AB|eu {PH|nã=não}, eu {PH|nã=não}] eu {PH|nã=não} tive então aliança.

INQ1 Mas usava-se... As pessoas normalmente tinham ou?...

INF O senhor padre perguntou se eu tinha aliança e eu disse que não tinha.

INQ1 Como?

INF {fp} O senhor padre quando ele perguntou se tinha aliança, eu disse que não tinha. Pronto.

INQ1 Mas, quer dizer, só as pessoas muito ricas é que tinham, não?

INF Agora então ele todos levam. Era, era. Agora então todos levam já. Pobrinhos e todos

{PH|'tẽjẽjne=têm a} sua alianças.

INQ1 Mas antigamente não? Só as pessoas ricas é que levavam?

INF Era.

INQ2 Portanto, quando casava, não tinha aquela coisa de meter o anel no dedo?

INF Não. {pp}

INQ2 Agora é que é! Ah, no dia a seguir à boda fazia-se mais alguma co-, festa, ou não? Portanto, acab-, era o almoço e o jantar e?...

INF [AB|Nalguns] Naqueles tempos, ele alguns que eram amigos [AB|de se] de bailar, naquele dia à noite se ajuntavam na casa do noivo – na casa dos noivos –, do jantar, (de pagode). [AB|E] E ainda me lembro de a minha tia Jovita fazer [AB|três], à noite, os bailes! Agora é que não há nada.

INQ2 E não havia um costume que na noite de, de, do casamento de irem bater com os seus tachos à porta?

INF Naquele tempo não havia! Mas agora então ele os noivos não ficam em casa! Têm de ir ficar por outras casas, quando não não paravam.

Código de identificação do ficheiro: STE11-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 49:36-51:57	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: A vida humana	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 11	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Quando, por exemplo, um rapaz pedia a uma rapariga para namorar com ela e ela dizia que não, diz que lhe dava o quê? Como é que lhe dizia?

INF O desengano.

INQ1 Diga.

INF O desengano [AB|desen-] [Risos]. Antes {PH|li=lhe} dar o desengano [AB|do que ele levar] do que (é) ele levar com a mala nas costas. [Risos] Uma vez um rapaz – a minha mãe contou à gente – falou a uma rapariga e {fp} depois ela disse- {PH|li=lhe} que não {pp} e jogou- {PH|li=lhe} com água na cara. Ia da missa {fp} e ele vai e dá três socos nas costas, a jeito, [Risos] e pôs-se a andar. O rapaz, mesmo ele disse: "Eu dei- {PH|li=lhe} três socos e ela deu-me com água na cara. Mas eu também me consolei em dar- {PH|li=lhe} três socos".

INQ2 Mas ele atirava a baga e depois ela atirava a baga para trás, era?

INF Não senhor, ele falou-lhe – em casamento, exacto. E ela disse [AB|que] que não e foi assim, pittt, com água na cara. Depois [AB|ele] ele pregou- {PH|li=lhe} três socos nas costas.

INQ2 Pois.

INF E ficou satisfeito! [Risos]

INQ2 Mas não, não há uma, na altura dumas festas não há que as raparigas costumavam mandar assim umas coisas para, para os rapazes que se engraçavam?

INF Ah, [AB|nunca] nunca vi. {pp} Nalgum tempo, os rapazes diz que arrufiavam [AB|las] às raparigas...

INQ1 Como é que é?

INF Nalgum tempo, (diz que os homens acho) que arrufiavam às raparigas mas eu também não sei se é costume. Eu não sei.

INQ2 Pois. E, mas não havia uma, um dia, uma noite ou um dia no ano em que se mandava uma coisa para a rua e aquele primeiro que passava é que era aquele com que ela?...

INF Ai, isso é quando fazem anos. É. Quando eles fazem anos, dizem que comem mesmo um ovo cozido.

INQ2 Sim.

INF {fp} Rapaz ou rapariga.

INQ2 Pois.

INF E depois vai botar as cascas na rua, assim lá para fora, [AB|para (ele)] a modos que passe por ao pé do caminho. Passa {PHl=ao} pé do caminho, vai botar uma casca. Diz que [AB|se{fp}] se é rapaz, uma rapariga vai passando, pergunta-lhe: "[AB|Qu-] Como é que te chamas"? Ela diz o nome. {fp} É o nome que {PHli=lhe} há-de calhar a uma rapariga quando ele se casar. É o nome da rapariga que {PHli=lhe} vai calhar. É mentiras. E a rapariga (diz) que é pois o mesmo. Também passa, pergunta a um rapaz, se vai passando, como é que se chama, ele diz o nome. {pp} (Ele) um dia, a minha cunhada vinha da vila, e {fp} ali à Almagreira, passou e diz que chegando ali [AB|à{fp}] {PHl=ao} pé, direitos a uma porta, a rapariga diz que pareciam umas cascas por baixo dela, [AB|da] do escadão, assim, e perguntou: "Esse rapazinho como é que se chama"? – Oh, [AB|minha] minha mãe?! Minha cunhada! O senhor Hostílio {IP|ta=está} na América. "Ele chama-se Hostílio". Ela disse: "Ah, {IP|ta=está} bem! É que eu hoje fiz anos. O meu noivo vai ser Hostílio"! O nome [AB|que] que vai passando quando se bota a casca do ovo fora. Que coisa disparatada!

Código de identificação do ficheiro: STE12-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b01B faixa: 1Ac17b01b min: 57:45-58:54	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: A vida humana	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 12	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Ai, isso é para botarem {fp} em riba do plástico, [ABlno] no berço, não é? Chamam mijeiros.

INQ1 Como?

INF Mijeiros. Umás coisas grossas que fazem que é por causa de botar em cima, para pegarem no berço.

INQ1 Ah!

INF Isso quando se deita a criança. Que nalgum tempo não havia calças plásticas nem nada.

INQ1 Pois, pois.

INF Não havia nada! Punha-se a sua fraldinha amarradinha, e deitava-se ali (...); ele mijava, ficava tudo ali. {fp}

INQ1 Pois.

INF Para não passar {CT|pra=para a}...

INQ1 Para não passar para o lençol?

INF Sim. Agora dessas fraldas plásticas, não.

INQ2 Do que é que era feito o mijeiro?

INF Este pequeno nunca... Tem o seu colchão, arranjaram-{PHllu=lho} agora. Mas nunca mijou o colchão, nunca, nunca.

INQ1 Pois.

INF Sempre bem arranjadinho, com as suas fraldinhas, [ABlcom a sua] tudo bem arranjado.

INQ2 E de que é que era feito o mijeiro? Era uma pele de, de carneiro ou de porco?

INF Ah, nalgum tempo! Isso mijeiro é o que se bota em cima da pele [ABlou do] ou do plástico...

Nalgum tempo era de pele de {RClcarneiro=-carneiro}. Eh credo!

INQ1 Era a pele que se punha por baixo, era?

INF Pele de carneiro, mas com lâ, baixinha. {PHlme¹tavẽwnẽz=Matavam as} ovelhas, depois

[ABltiravam-na{fp}] esfolavam e curtiavam-na e esticavam [ABlnumas] numas canas nas paredes da

casa, secava bem seca. Depois, amornava água, lavava-se tudo muito bem lavado em sabão, ia secar bem seca e toca {pp} para (a beira) do berço [AB|pra (ele){fp}]. [AB|(Ele) não hav-]

INQ1 Era o mesmo do que o plástico?

INF Não havia plástico. Não. Ele nem sequer falava-se nisso. Nada, nada.

Código de identificação do ficheiro: STE13-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isménia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02a min: 19:43-20:42	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 13	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Era uma senhora que tinha três filhas. Mas elas falavam mal. E agora a mãe caminhou e disse-
{PHlli=lhe}: "Se vier aqui alguém à porta, vocês [ABlnão] não falem"! E um rapaz que era muito
manhoso, e gostava de as ouvir falar... (...) {fp}

INQ1 Não vale a pena!

INF [ABIEla{fp}, ela] Ele o rapaz lembra-se: "Ah, se a gente formos-{PHlli=lhe} à porta pedir água"...
E pediu-{PHlli=lhe} água por um pucarinho – quase como [ABlum, um pucarinho] uma pucarinha
pequenina. E agora o rapaz lembrou-se e largou a pucarinha no chão. Uma disse: "Olha que a mãe
disse: "Olhe que vocês não falem"! A mãe disse"... Uma disse: "Hi! O 'putarinho' 'tubou'"! A outra
disse: "'Tubou', 'tubasse'"! A outra disse: "A mamãe disse que você não falasse"! Pronto. [Risos] (E tu é
que tens de vir cá). Histórias, está claro.

INQ2 Ai, mas é muito engraçado!

INF [AB|Todas estas] Todas as falas.

INQ1 Pois. Mas era só a senhora que contava histórias no serão, ou havia assim mais?

INF Ah, pois, e muitos mais haverão de contar, com certeza.

Código de identificação do ficheiro: STE14-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isménia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02a min: 21:31-23:30	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 14	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Era uma senhora que tinha o seu marido, mas também, (no exame), não gostava muito dele, talvez. E ele tinha uma camisa muito apertadinha. E [AB|le] ele nunca a queria vestir. E o que aconteceu? Ele lá um dia fez-se morto. E depois ela disse ali: "Então vamos vesti-lo, porque ele já morreu"! E ela foi buscar a camisa [AB|para] {pp} para {PH|l=|lha} vestir – a tal camisa que ele não gostava de quando era {fp} vivo. Ele vivo estava, mas... E depois ela vestiu-{PH|l=|lha} e disse: "Ah! Tu dizias que ela não te servia, fica aqui bem justinha"! Com aquilo, ele acordou: "Falem baixo"! Deu-{PH|l=|lhe} então um 'seramonete', como se costuma dizer. [AB|Então eu não gostavas nada] "Não gostavas de mim e então agora vestiste-me a camisa! Hum"?! Ele foi para experimentar; fez-se de morto. É verdade.

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Sim, sim. E era outra senhora. Este então é outro dos mais pequeninos. É tudo pequeninos! {fp}É pequenino. Que ela dizia: "Ai, que eu morresse! A mim, quem me dera morrer"! O homem disse: "[AB|Se ela] Se tu visses a morte, largavas a fugir"! [AB|E {fp}] E ele lembrou-se... Ela tinha um galo muito grande!

INQ1 Um quê?

INF Um galo. {pp} Tirou-{PH|l=|lhe} as penas todas, todas, todas, todas e botou uns 'grãezinhos' de trigo da porta da rua [AB|para] até {PH|l=|ao} forno, assim {PH|l=|ao} pé do{fp} lar, {PH|l=|ao} pé do forno. E ela disse-{PH|l=|lhe}... {pp} Ele disse à mulher: "Olha, (Carmo), se te queres esconder, esconde-te! Queres morrer? Olha que a (morte) é assim. Se queres morrer, olha que a morte já aí vem"! E eu vou-me a esconder no forno. E ele foi {CT|p=|para o} forno esconder-se. E a mulher viu aquilo por a porta adentro, pensava de verdade que era a morte: "Ai, ai! Ai, ai, morte, vai {CT|p=|para o} meu marido que está no forno! Vai {CT|p=|para o} meu marido que lá {IP|ta=|está} no forno"! [Risos]

E ele então depois então ele disse: "Ah, diz que tinha medo da morte e então ainda mandava-me{fp}
{CT|pø=para o} forno, para ela me matar a mim"! Mas era o galo! Isto é verdade.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Isto é anedotas, e muitas coisas mais.

INQ1 São anedotas, pois.

Código de identificação do ficheiro: STE15-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isménia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Jorge Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02a min: 24:13-25:27	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 15	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF1 Era um homem que faziam troça dele, do meu padrinho. Troça não, gostavam de o ouvir falar. E um dia ele ia passando por um{fp} forno da cal – {IP|tõ=estão} tirando cal {fp} daquilo –

INQ Pois.

INF1 e [AB|um{fp}] um senhor disse-{PH|li=lhe}: "Olha, Huberto" – posso dizer nomes? – "Olha, Huberto, não sabes, a gente [AB|achou lá ago-] achámos aqui – {IP|tẽw=estão} em terreno de cal, quente – achámos aqui uma camada de ratos".

INQ Uma camada de?...

INF1 De ratos. E ele disse: "Olha"...

INF2 Quem era (que estava a falar)?

INF1 [AB|O senhor] O senhor Iago. "Eu não me admiro, que eu fui à caça, no outro dia, ao Cardal. E botei-{PH|li=lhe} um furão na toca, e ele saiu-me três (garoupas)"! [Risos] Também era mentira [AB|mas]. O outro [AB|{IP|tavẽ=estava} a dizer]

INQ2 Pois.

INF1 {IP|tavẽ=estava} a dizer-{PH|li=lhe} do forno da cal e depois, como ele viu que era mentira, deu-{PH|li=lhe} aquela.

INQ2 Tinha resposta na ponta da língua para tudo.

INF1 Isto era o tal meu padrinho! E outra vez, olhe, [AB|{IP|tavẽw=estavam}] {IP|tavẽw=estavam} uns noivos num banquete e {IP|tavẽ=estava} um outro senhor, que era muito esperto assim [AB|para] para dizer coisas. E ele disse: "Olha, Huberto, a (solenidade), quando se acaba de comer, {fp} o prato vira-se em cima da mesa". Ele disse: "Olha, tio Hugo, é verdade. Também o meu porco quando acaba de comer vira a pia"!

Código de identificação do ficheiro: STE16-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Isménia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02a min: 31:44-32:58	
Assunto: A família: relações de parentesco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 16	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ Faça de conta que está aqui o seu avô, como é que lhe falava?

INF1 "Meu avô isto. Quer isto? Quer aquilo"? Ou: "Venho fazer isto a casa do meu avô"...

INQ E se fosse a sua avó?

INF1 É igual.

INQ "Minha avó"?

INF1 Era: "Minha avó". Gostava bem dela! {pp} Agora do meu avô eu não gostava muito, que ele um dia não me deixou eu lá ficar. O meu avô morava no Cardal. Ora dizia a minha mãe: "(Então, então vai-o ver)". E depois eu fui mas não disse a minha mãe que queria ficar no Cardal. {pp} E{fp} depois mesmo [AB]já, já já o sol estava quase posto, meu avô disse {pp} à mulher, assim à minha avó, ele disse: "Esta pequena fica cá hoje"? Ela disse: "Ah, ela quer ficar"! "Eh rapariga, tu disseste a tua mãe que ficavas cá hoje"?, meu avô foi assim. E eu disse: "Não senhor, não disse". "Então põe-te a andar, que é noite"! Hi, Jesus do Céu!

INF2 (...)

INF1 Eu pus-me a andar, (...) depois fazia como uns pinheiros [AB]que], à volta do caminho, {PHI}íde=ainda} eu parei um nadinha porque cuidava que minha avó que vinha bradar para eu ir para trás.

INF2 (Era, era)!

INF1 Se eu não tenho juízo nenhum! E o meu avô {IPI}tavø=estava} lá sentadinho, já com o bordãozinho ao canto da casa numa cadeira e então: "Minha avó {PHI}íde=ainda} vai dizer que eu que volte para trás". Fui-me embora! Cheguei a casa de noite, minha mãe perguntou: "Eh mulher, porque é que vieste tão de noite"? "Sabes, é que meu avô não me deixou lá ficar"! "(...) Pois então eu não tinha que te dar (autorização). [AB]Não tinhas} Não tinhas falado para ficar lá de noite, e agora como era isso"? Ela aí tinha razão. Não gostava então muito do meu avô!

Código de identificação do ficheiro: STE17-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02a min: 54:57-56:30	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 17	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 E o que é um maricas?

INF Um maricas, aqui tratam por maricas aqueles que são amigos de trabalhar na cozinha... {fp}

INQ2 Fazer os trabalhos das mulheres?

INF "Olha um maricas! Olha um maricas"!

INQ1 Rhum-rhum.

INF Conheci um rapaz no Nordeste, o Hugolino, [ABlã f-] aquele vizinho [ABlde f-] da Ismália. {fp} Era um rapaz que {IPl'tavẽ=estava} na tropa [ABlhá d-] há dois anos. Mas aquilo coze pão mas era realmente bem então. [ABIEle] Ele botava o pão à Ismália! Quando a gente estivemos lá, que pão tão perfeito! Que pão de trigo tão bem arranjado! Fazia massa sovada, a mesma coisa que fosse uma mulher! {fp} Ia para abater porcos, quando {PHl'matẽwnuƒ=matam os} porcos ali [ABlna] na freguesia lá do Nordeste, "é o Hugolino, é o Hugolino". Mesmo fala muito amaricado, muito amaricado. Ele ia às vezes lá à casa [ABlda] da Ismália, parava ali assim à porta. Não era tolo, mas era maricas mesmo! Ele disse: "E a senhora Ismália tem [ABlum, um] um copinho [ABlde lic-] de licor que me dê"? {pp} Ela dava-{PHlli=lhe}. Não era bebedeira. O pai dele é que é muito de bebedeira, então.

INQ2 Pois.

INF Ele a mãe já morreu, ele mora mais o pai e uns irmãos. Ela dava-{PHlli=lhe}, "Obrigado"!, e ia-se embora. E ela lá {PHlli=lhe} perguntava: "Quando é que vais cozer"? Que ele é que cozia o pão! Ele {IPl'tavẽ=estava} na tropa, depois tinha os seus dias de não trabalhar. Ia para casa, cozia o pão {CTlpoz=para os} irmãos, e lavava a roupa. Era maricas, era uma mulher! E{fp} ia então {CTlpa=para a} tropa, deixava o pão cozido... {pp} Mas o pai, ele disse: "O meu pai é muito bebedeiro! Não vem às vezes também para casa"... {pp} Mas é aquilo é que chamam maricas! É aquilo assim.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Sim senhor.

INF Mas ele é um bom rapazinho então!

INQ2 Mas casam-se? Essas pessoas casam-se?

INF Casam. Então não são tolos!

INQ2 Pois.

INF Ainda costumam {CT|pa=para a} mulher, porque ajudam.

Código de identificação do ficheiro: STE18-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02b min: 04:07-06:33	
Assunto: As festas religiosas e profanas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 18	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Quais eram as comidas que se faziam?

INF [AB|Também se fazia] Também se fazia um jantar.

INQ1 O que era?

INF [AB|Era, por exemplo] Metia carne de galinha. Era carne de galinha [AB|e] e{fp}, aqui assim, muita...

INQ1 E biscoitos e essas...

INF Biscoitos (...). [AB|{PH|íde=Ainda} guardavam] {PH|íde=Ainda} guardavam da massa sovada, que era {CT|po=para o} dia de Reis, e biscoitos. Porque, minha mãe, ela fazia uns biscoitos grados, dos Reis, grandes, que era para dar {PH|oz=aos} afilhados na véspera [AB|da{fp}] de festa. A gente íamos repartir pelos afilhados, cada um seu biscoito por altura (da festa).

INQ1 Na véspera de quê? Do dia de Reis? Ou na véspera?...

INF [AB|Na véspera de] Não senhora. Da festa. Da festa do Natal. E então tínhamos biscoitos grados para comer naqueles dias.

INQ1 Sim senhora.

INF É coisas de algum tempo.

INQ1 Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Olhe, e no dia 2 de Fevereiro fazia-se alguma, alguma procissão, ou?...

INF 2 de Fevereiro? A festa [AB|da Imacula-] que é da Senhora das Candeias, aqui a nossa padroeira. A festa do orago, Nossa Senhora da Purificação. (...) A senhora é a Senhora da Purificação. É (quando) há a festa das candeinhas bentas. [AB|As candeinhas]

INQ1 Pois.

INF Já viram candeinhas bentas?

INQ1 Sim, sim.

INF Era daqui aquelas {fp}... Fazem aqui a festa das candeias e daqui é que então se repartem lá {CT|paz=para as} igrejas todas, para gastarem todo o ano, [AB|para] para acenderem as velas e tudo.

INQ1 Pois.

INF E dão aí mesmo {CT|pa=para a} vila. Vem gentes e depois mandam {CT|pa=para a} vila [AB|para]... Porque quando {IP|tẽw=estão} quase morrendo:

INQ1 Pois.

INF "Alumiando o Santo Nome de Jesus".

INQ1 Sim senhora.

INF É. É agora no dia 2 de Fevereiro.

INQ2 *E a seguir, mesmo em Fevereiro, havia outra festa que as pessoas punham umas coisas na cara?*

INF Ai, isso [AB|são os maria-] é o entrudo. Mascarados, é.

INQ2 *O que é que ele punha na cara? Uma?...*

INF É umas máscaras. Agora é mais tudo com máscaras compradas pois não há falta de dinheiro.

INQ2 E antes?

INF Nalgum tempo era: {pp}

INQ1 O que era?

INF uns 'papelões' na cara, e com uns panos, uns trapos, faziam-se as bocas e os narizes e os olhos. Espantalhos! Bem, agora são um bocadinho mais bem arranjados.

INQ2 *Mas era só os rapazes solteiros é que se mascaravam?*

INF Não. São casados e solteiros. [AB|E às ve-].

INQ1 *Mas eram só rapazes ou eram raparigas também?*

INF Raparigas, também havia algumas. Raparigas novas e mulheres casadas {pp} que vão.

INQ2 *Que é, que é que se fazia?*

INF Eu nunca fui.

INQ2 *Pois. Porque é que acha?... Vinham até à casa das pessoas, era?*

INF Era, pois era. {fp} Entravam pela casa dentro, a gente oferecia malaçada... Alguns já nem pegavam em malaçada, mas naquelas brincadeiras [AB|para ver] para ver se a gente conhecia. Às vezes vinham que eu não conhecia ninguém.

INQ2 *Eles estavam ...*

INF [AB|Outras vezes] E outras vezes, eu disse-{PH|li=lhe}: "Ah, eu gostava de se desmascararem, tirarem"... Eles {PH|ti'ravẽwnẽ=tiravam a} máscara para fora. Comiam malaçadas, bebiam vinho, toca a andar!

Código de identificação do ficheiro: STE19-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02b min: 08:10-10:31	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As festas religiosas e profanas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 19	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Portanto, havia o domingo de Páscoa, e antes do domingo?

INF E antes do domingo?

INQ1 Era a época de?...

INF É na quinta [ABlé daque-], quando fazem (as) endoenças – cá é endoenças.

INQ1 Diga.

INF Mas [ABlnão] não começam na quarta-feira?

INQ2 Quarta-feira de?...

INF Trevas. Costumam a dizer quarta-feira de trevas.

INQ2 E quinta-feira?

INF E na quinta-feira, também, ele já há sermão de lava-pés. Na sexta-feira, ele sexta-feira é o dia em que Nosso Senhor morreu pelas três horas da tarde.

INQ2 E como é que se chama a sexta-feira? Sexta-feira quê?

INF Sexta-feira santa.

INQ1 E a quinta?

INF Quinta-feira santa, também chamam.

INQ1 E o que era isso de endoenças que a senhora falou?

INF Hã?

INQ1 A senhora falou em endoenças.

INF As endoenças começam {fp} [ABlna] na... Na quarta-feira já começa a haver ele à noite não sei o quê de endoenças. E na quinta-feira, à tarde, e também à noite – quase tudo é à noite –, é também o lava-pés, quando o Senhor lavou os pés {PHlǝ}=aos} seus discípulos. E na sexta, então, {pp} (ele) [ABlé o das d-] começam às dez horas {PHlǝ'ʔe=até}... {pp} Este ano parece que vai haver até endoenças aqui em Santo Espírito.

INQ1 E o sábado era sábado?...

INF O sábado era o sábado de aleluia. {pp} [ABIMas ele no sábado] {pp} Quando há endoenças, é o sábado de aleluia; quando não há endoenças é no domingo [ABlé que ele] {pp} é que cantam a aleluia.
INQ1 Portanto, endoenças são essas cerimónias todas que se fazem na, na igreja?

INF É. Mas quando não há aqui... O ano passado foi em Santa Bárbara. E na vila, claro, é todos os anos então, endoenças. Agora aqui, em Santo Espírito, é poucas vezes.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Mas porquê?

INF Porque é despesa {pp} {CT|pɔʃ|=para os} senhores padres. Têm de pagar fretes {CT|pɔʃ|=para os} senhores padres, {fp} e tudo.

INQ1 Quantos padres são precisos ter para, para?...

INF É o que há. [ABlÉ quando ele] Pelo menos três, quatro. [ABl(Os que aqui temos) são{fp}] Agora temos só três padres.

INQ1 Na ilha toda?

INF O senhor padre Humberto, o senhor padre da Almagreira – são dois –, e o senhor padre [ABldo{fp}] do Campo – são três –, o senhor padre Ícaro. [ABlÉ o velhinho da{fp}] O senhor padre {pp} Icário é um velhinho.

INQ2 O senhor padre Ícaro é donde? É do Campo?

INF É... Ele é...

INQ2 Onde é que ele?...

INF É de São Miguel. Ele é de São Miguel (...). Mora no Aeroporto, (vem sair) já ao Aeroporto e vir à sua conta. Porque {IP|tave=estava} outro, o senhor padre Idalcão, foi-se embora para o seminário [ABlda, da cidade]

INQ2 Da Horta.

INF da cidade da Horta – [ABlda] da Terceira!

INQ2 De Angra.

INF De Angra. Já não temos (aquele). [ABlAl-] O de Almagreira tem duas freguesias: é Almagreira e São Pedro à sua conta; este senhor padre Humberto tem aqui Santo Espírito e Santa Bárbara; e o senhor padre do Campo, Aeroporto e Vila. Só temos três padres, com o Icário.

INQ2 Mas o Aeroporto, onde é que é a, a?... Ai, já sei, já sei qual é.

INF Nossa Senhora do Ar. Nossa Senhora do Ar.

INQ2 Nossa Senhora do?...

INF Do Ar.

Código de identificação do ficheiro: STE20-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b02b min: 20:32-21:40	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: A alimentação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 20	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Sei.

INQ1 Mas explique, mas explique.

INF Bota-se a água {PH|o=ao} lume, a água a ferver. E bota-se só o seu tempero do sal naquilo. Bota-se, assim que {IP|ta=está} a ferver, é um nada de farinha num alguidar, farinha de milho, e escalda-se – eu escaldava muito mole –, [AB|depois] com o seu nada de sal também, sim. E amassa-se, e faz-se a massinha assim [AB|como] como é quem faz bolo.

INQ1 Pois.

INF E faz-se uns bolinhos pequeninos, pequeninos, pequeninos, assim com farinha assim, assim {PH|o3=aos} bolinhos, {PH|o3=aos} bolinhos, {pp} e bota-se assim num pratinho. Vai-se fazendo os bolinhos e botando assim num pratinho. Depois deita-se as couves na panela com a água a ferver e ou põe manteiga ou tocinho, aquilo que se queira-se botar. E depois de as couves {IP|tarẽj=estarem} bem fervendo, põe-se então – então tem também um bocadinho de batata da terra, também. Põe-se tudo a ferver. Depois {IP|ta=está} fervendo, vai-se com aqueles bolinhos, botando assim... É costume botar primeiro um nada de {PH|'kojviş=couves}. E então vou botando assim uns bolinhos às camadinhas, assim por a panela toda, assim, tudo; não é em riba uns dos outros, é assim. Depois {IP|ta=está} aquilo com a camadinha botada, bota-se outra camadinha de couves assim. Torna-se a botar outra vez outra camadinha, uns três ou quatro bolinhos assim, torna-se (às couves), para não pegarem uns {PH|oz=aos} outros.

INQ1 Pois.

INF E depois daí, já tem manteiga mas {PH|'ide=ainda} boto mais um nada assim por cima, [AB|para] para ficar bem (encastado) nos bolos.

INQ1 Ai deve ser tão bom!

INQ2 Estou com fome!

Código de identificação do ficheiro: STE21-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b03b min: 35:33-37:04	
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 21	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Já há anos que não há linho.

INQ Mas há muito, muito tempo?

INF Eu fabriquei linho até com a idade de... Devia ter uns cinquenta e cinco anos talvez. As raparigas começaram-se a casar, já não... Aquilo dá trabalho, muito trabalho para arranjar!

INQ Pois.

INF Dava em fiar linho. Fiava muito linho!

INQ E o que é que?...

INF Porque eu, 'colchões', fazia 'colchões'... Tenho 'colchões' além, alguns quatro ou cinco 'colchões'. Era lençóis de linho, urdidos com algodão e tecidos [AB|com ele] com linho e estopa. Eu {PH|ĩdẽ=ainda} tenho alguns daqueles lençóis de linho, ainda.

INQ O que é que fazia mais com o linho? Portanto, além dos colchões e dos lençóis?

INF [AB|Coze-] Faz-se os sacos, para botar os milhos, nalgum tempo, nesses sacos...

INQ Mas não era feito do linho fino, era feito da outra?

INF É [AB|da a-] do linho grosso, é sim senhor, da estopa.

INQ Da estopa.

INF É, da estopa.

INQ E com aquele fininho, fininho, o que é que fazia? Com o linho?...

INF Ah, aquilo é {RC|fia=-fiado}... Fiava-se [AB|para] delgadinho para urdir. Quem queria urdir, para não ser com algodão, para ser mais riço, urdia-se com o linho. O linho [AB|fi-] fiadinho, que era mesmo...

INQ Fazia-se o quê? Camisas?

INF Nalgum tempo? Eu lembro-me. Então vou-{PH|li=lhe} dizer que {pp} eu conheço-o bem. Eu já tenho setenta e um ano!

INQ Não parece. Está nova ainda!

INF Nalgum tempo, {fp} em casa de meu pai, minha mãe também fabricava muito linho!

INQ Rhum-rhum.

INF E eu lembra-me de meu pai ter ceroulas – que nalgum tempo não usavam cuecas, era ceroulas – de linho. [AB|Minha pai] Minha mãe botava-{PH|li=lhe} assim por baixo uns pedacinhos de pano e uns bocados de pano por causa de não verem que era linho, mas ali muito bem coradinho. Ficava ali branco! E eu lembra-me de ter também camisas de linho, que eu [AB|fica-] ficava toda atormentada com as camisas de linho.

INQ Picava?

INF Primeiro; depois já era fino. Nos primeiros tempos, eu atrapalhava-me. Vestia uma combinação por baixo e andava...

INQ Por baixo do linho.

Código de identificação do ficheiro: STE22-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: Abr.79
Informante1: Isaltina Idade: 71	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac17b02AB faixa: 1Ac17b03b min: 50:05-51:00	Inquiridor2:
Assunto: O fabrico de carvão	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 22	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ Antes não se costumava, aqui não se costumava fazer da lenha, costumava-se queimar a lenha para ficar assim toda preta, que era para depois acender?...

INF Carvão.

INQ Sim.

INF Para se botar no ferro, para se passar a roupa a ferro.

INQ Mas...

INF E os ferreiros para fazerem...

INQ Pôr na forja.

INF Na forja, é.

INQ Mas, por exemplo, o, o carvão vinha de fora ou era feito cá? Onde é que a senhora?...

INF Ah, eu cuido que era feito cá.

INQ Era feito cá?

INF [AB|lam{fp}] Esses ferreiros iam pelos matos onde tinha cepos {pp} (porque) já tinham cortado lenha. Pediam aqueles cepos, arrancavam, picavam-nos e faziam uma cova, assim uma cova bem funda, [AB|na] na terra. E botavam aqueles cepos ali a arder, a arder, a arder, a arder. Quando eles estavam ardidos, abafavam com a terra e com lenhas por cima da terra, tapavam muito bem tapado [AB|e] e depois então daí a dias é que iam desenterrar. [AB|{IP|tave=Estava} apagado]

{IP|tave=Estava} apagado já.

INQ Pois. E como é que chamava aquilo que eles faziam com, com a lenha? Portanto, aquela coisa toda com a terra e com a lenha?

INF Pois era cova [AB|de car-] de carvão. A cova do carvão.

INQ A cova do carvão.

Código de identificação do ficheiro: STE23-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac1701_02 faixa: 1Ac1701a min: 03:20-06:16	Inquiridor2:
Assunto: A debilidade	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 23	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Como é que debilidade aqui? Como é?... Antigo... Pelo antigo, que o senhor se lembre?

INF {fp} Eu praticamente não tenho grandes ideias, porque eu era miúdo nesse tempo. {fp} Por exemplo, [ABl {fp} pr-] principiava pela seguinte maneira: havia um bocado de terra muito direitinha, de pasto [ABle{fp}] muito direitinho, e se chovia, a gente amarrava as reses todas pelo pescoço – chama-se uma cobra.

INQ2 Uma cobra.

INF Cobra do gado. E amarrava-se. E a gente {PHlo'gavẽ=aguava} {RClbast=bastante}. Se chovia, não precisava; se não chovia, {PHlo'gavẽsi=aguava-se} aquele terreno com a água numa pipa, e aquele gado a andar para trás e {CTlpa=para a} frente, para trás e {CTlpa=para a} frente, até ficar um ladrilho [ABlbem] [Ruído de palma da mão a bater numa superfície plana] {pp} bem firme. É.

INQ2 Bem firme, bem firme.

INF E depois quando se acabava aquilo tudo, varria-se com um ramo e então é que se estendia o trigo.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Escangalhava-se o molho e estendia-se {fp}. E havia uns trilhos – que se chamava trilhos – que era umas tábuas – três tábuas –, e agora aqui da frente levantava assim um bocadinho. {pp} Talvez o senhor tenha aí?!

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Veja lá, aqui, parecido com este.

INF Exactamente. Só porque isto aqui era em redondo.

INQ1 A ponta.

INF As pontas, eram em redondo. Era isso mesmo. E tinha mais uma travessa aqui; em vez de ser aqui, era aqui.

INQ1 ...

INF [AB|Três] Três travessas.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E puxado {pp} [AB|com o] pelas vacas ou bois, ou {fp} uma égua, aquilo que havia,

INQ1 Rhum-rhum.

INF sempre de roda, sempre de roda [AB|sem-]. Isso por baixo tinha pedras.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Que era para ir cortando, cortando, cortando. Depois lá de bocado a bocado, dava-se uma volta – chamava-se volta de forquilha –, mexia-se o coiso, (sacudia) /sacudir\ e coiso. E dava-se duas, três voltas, e depois já era de pá. Já {IP|'tavø=estava} aquilo tudo miudinho, tudo miudinho, era [AB|da-, dav-] dar a volta de pá. Tornava-se a dar e depois {PH|ëpi'lavəsi=empilhava-se} – {PH|ëpi'lar=empilhar} era ajuntá-lo todo para um monte.

INQ1 Com que é que empilhavam?

INF [AB|Era {fp}, quando o co-, o cal-] Chamava-se calcadoiro, quando era muito. Ele quando era muito, era mesmo com um rodo e os bois a puxar tudo para um monte. Uns a aguentar por baixo e os bois a puxarem, a fazer o monte. E depois acabava-se de ajuntar e depois com as forquilhas é que se ia limpando, com o vento.

INQ1 E esse trabalho, que estava com as forquilhas, dizia que estava a quê? A?...

INF {fp} Limpando.

INQ1 E aquilo que o vento levava?

INF Aquilo que o vento levava chamava-se a palha. É.

INQ2 Olhe, e... Agora perdi-me. Queria perguntar uma coisa.

INQ1 ...

INQ2 Ah, já sei. O senhor falou de calcadoiro.

INF O calcadoiro era um bocado... (Ele){fp} a gente, por exemplo, hoje o calcadoiro é grande. Tinha mais {fp}... Tinha uns dois carros de trigo, quando havia (ele) se era três, quatro trilhos {fp}.

INQ2 Pouco. Pois.

INF Se era um calcadoiro pequenino, de dois trilhos, a gente dizia: "Ah, o calcadoiro hoje é menos".

INQ2 E havia alguma?...

INQ3 Portanto, era a porção de trigo que, que havia para debulhar?

INF {fp} Era.

INQ3 Era a isso que chamavam o calcadoiro?

INQ1 ...

INF Era. [AB|(Ele) a gente] A gente só punha aquilo que cabia.

INQ3 Pois.

INF Porque (ele){fp} quem tinha [AB|vá-] várias terras, tinha que fazer (ali) – chama-se [AB|fis-] fiscais – os montes.

INQ2 Os calcadouros.

INF Chama-se fiscais. E tinha que se fazer vários fiscais por causa que não se podia debulhar tudo num dia e também o fiscal não poderia ficar aberto porque podia chover e entrava-{PH|li=lhe} água.

INQ3 Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: STE24-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac1701_02 faixa: 1Ac1701a min: 10:31-12:15	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 24	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Depois o trigo onde é que se guardava? O trigo metia-se...

INF [AB|Actualmen-, ele no{fp}, no] Antigamente diz que arrumavam debaixo do chão. Eu ainda me lembra de arrumarem debaixo do chão, numas covas que faziam na terra.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Ah!

INF Isso aí por volta de 1938 ou 40 {PH|íde=ainda} usavam ali em cima na Almagreira. Depois deixaram disso.

INQ2 E chamavam-lhe como, a essas covas?

INF {fp}Uns chamavam covas de arrumar trigo e outros chamavam [AB|ma-] matas-morras.

INQ2 Ah, que giro! Matas-morras. Eu lembro-me...

INQ1 Sim senhor. E ago-, e depois mais para a frente?

INF E depois mais {CT|pa=para a} frente usava-se talhões e caixas. E ultimamente foi esses bidões que vinham com o gasóleo, que a gente lavávamos bem lavados {pp} e arrumava-se o trigo ali.

INQ1 Rhum-rhum.

INF [AB|Dura] Ali é que é bom! Dura anos.

INQ1 Pois.

INF [AB|Nunca mais]

INQ2 Pois, nunca mais se estraga.

INQ1 Portanto, normalmente, dentro dos sacos era raro ficarem todo o ano? Ou?...

INF Ah, não ficava! Só aqueles que tinham pouquinho! [AB|É, os que tinham]

INQ2 Então e as caixas como é que eram?

INF Era caixas feitas de madeira.

INQ2 De madeira, grandes, para pôr lá o trigo dentro, com tampa?

INF Grandes. É. Com tampa, sim senhor. Igual a estes baús que a gente compra, só que em ponto grande. É.

INQ2 Ah, os baús. Sim senhor.

INQ1 E depois com a palha, para onde é que ela ia?

INF A palha ia {CT|pɔ=para o} palheiro, {CT|pɔ=para o} gado comer de Inverno.

INQ1 O palheiro era o quê? Era uma casa ou?...

INF O palheiro [AB|é um{fp}] é{fp} uma casa feita de pedra solta

INQ1 Rhum-rhum.

INF e coberto com telha, como as nossas casas, com a sua porta. E a gente arruma ali dentro aquilo que é {CT|pɔ=para o} gado comer de Inverno.

INQ1 Esse palheiro tinha dois pisos? Era a palha por cima e um por baixo, ou não?

INF Não, não. Não senhor. [AB|É só] Aqui na ilha só há um piso. Não há palheiros com dois pisos.

INQ1 E essas arcas e a, e os talhões, onde é que ficavam?

INF Ficavam na loja da casa ou no garnel.

INQ1 E o que é o garnel?

INF O garnel é o celeiro donde a gente arruma as nossas coisas.

INQ1 E esse garnel também é de pedra solta com tecto?

INF Não, não, não. A maioria deles não. [AB|É{fp}] É igual às casas, é guarnecido.

INQ1 É na mesma guarnecido com, com?...

INF É. Com cimento e {RC|ca=-cal}. (Ele) no tempo, era cal e areia, não havia cimento.

Código de identificação do ficheiro: STE25-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac1701_02 faixa: 1Ac1701b min: 00:21-02:23	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 25	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Olhe, diga-me o seu nome, se faz favor.

INF Idalécio Inocêncio Ínsua Isaac.

INQ1 E a sua idade?

INF Eu nasci em [AB|24] 34, tenho sessenta e dois anos.

INQ1 Sessenta e dois. E, portanto, e é daqui das Pedras?

INF Sou! Nasci e criei-me aqui.

INQ1 Esteve sempre...

INF Sempre no mesmo [AB|lu-] lugar!

INQ1 E para fora só de visita eventualmente ao Canadá e nem isso?

INF Não, já fui à América de visita, em 1980, e então tenho ido a Ponta Delgada várias vezes.

INQ1 Pois.

INF É.

INQ2 Mas assim para estar?... Não.

INF Não, não, não senhora.

INQ1 Rhum-rhum. Portanto, eu posso dizer que os pescadores to-, toda a sua vida trabalharam no mar, e o se-, e o senhor Idalécio toda a sua vida trabalhou?...

INF Toda a minha vida trabalhei na terra. Agora já estou inválido mas ainda gosto de 'tarraçar' alguma coisa.

INQ1 Pois.

INF É.

INQ1 Hoje estava a tratar do, dos gueixos ou ... Ah, estava a sua senhora, a sua senhora?

INF Não, fui [AB|trat-] tratar do gado e {IP|tivi=estive} [AB|a fa-] a limpar [AB|os] os{fp} valados

[AB|da] das terras {CT|pa=para a} água correr de Inverno.

INQ1 Rhum-rhum. Como é que é o valado?

INF Pois, ele o valado é, por exemplo: isto é um cerrado e assim numa beira tenho aqui um valado por onde vai a água e escorre. E depois a gente tem que ter aquele valado limpo para... {pp} A água vai sempre seguindo o seu destino.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Vai {CT|pɔ=para o} mar, já se sabe.

INQ1 Claro. E nesse...

INQ2 Portanto, o valado... Deixa-me só perguntar: o valado é mais baixo então?

INF Mais baixo que a terra. {pp} É.

INQ1 E na, nos outros cerrados não era costume fazer assim um rego a meio, que era para?...

INF [AB|Ai, era da] É os regos de água. Chama-se regos de água. E depois tem aqueles outros valados nas barreiras, que é para onde aquela água vai e depois vai lá {CT|paɜ=para as} ribeiras, {CT|paɜ=para as} grotas, {CT|pɔɜ=para os} regatos.

INQ1 Portanto, esse rego leva para o, para o valado e depois do valado é que segue para as grotas?

INF É que vai [AB|{CT|paɜ=para as}, {CT|paɜ=para as}] {CT|paɜ=para as} grotas. É.

INQ1 E todas as, e todos os cerrados e terras tinham essa coisa?

INF Tinha, mas já não têm.

INQ1 Pois.

INF É.

INQ1 Sim senhor.

INF {IP|tẽw=Estão} uns hoje {IP|tẽw=estão} de pasto.

INQ1 Olhe, normalmente a que é, a que é que se chama aqui um cerrado, um cerrado?

INF [AB|Um cerrado] Ele um cerrado chama-se, por exemplo, quando é um bocado de terra grande, chama-se um cerrado. Mas há também quem tenha um bocadinho pequenino e trata-o por cerrado.

INQ1 E normalmente tem à volta o quê? Tem?...

INF {fp} Há uns que têm paredes. A maioria tem paredes. E outros não têm nada. Quer dizer, a gente confina com este aqui deste lado e aqui com o outro.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Outros têm um tapume com arame farpado; outros têm silvado, que faz um bardo. E é assim é que se faz.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhum-rhum. Portanto, um bardo é o quê?

INF É silvas.

INQ1 Só silvas?

INF É só silvas.

Código de identificação do ficheiro: STE26-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac1701_02 faixa: 1Ac1701b min: 13:50-15:30	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 26	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Pois a gente, ele o que se chama alqueve era o seguinte: a terra que tinha trigo, dizia-se o restolho; e a terra que era de milho, ele depois de tirar o milho, dizia-se: "Ah, aquela {IP|ta=está} alquevada porque teve milho. Está alquevada".

INQ1 Mas que ainda tinha lá o quê?

INQ2 Mas sem ter quase nada...

INF Não tem nada. Não tem nada. Sem ter passado, sem ter nada.

INQ1 Nem a raiz do milho?

INF [AB|Na-] Tinha a raiz do milho. Pois chama-se: "{IP|ta=Está} no alqueve". O alqueve era: {IP|tevi=esteve} de milho.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 E levava-se o gado para lá?

INF Não senhor.

INQ1 Não?

INF Não, não. Aqui as nossas terras não se pode ter gado em cima delas, porque elas são muito barro e aberta e não se faz nada delas.

INQ2 Pois.

INQ1 Quando o senhor falou de semear o, o milho, também, quando era do trigo semeava-se de modo diferente, que era assim?...

INF É sim senhor.

INQ1 Como é que se...

INF [AB|Era es-] Era espalhado. Primeiro a gente tinha a terra pronta, {IP|tave=estava} pronta, a gente fazia assim, que se chama {PH|ve|tge|=belgas}. É assim uns{fp} regos largos, ele com umas duas braças.

INQ1 Rhum-rhum.

INF A gente dava aqueles reguinhos na terra toda [ABle depois] – com o jeito da lavoura –, e depois espalhava-se o trigo, [ABllavra-] cobria-se o trigo, que era lavrando, caldeando o trigo, e depois, no fim, gradava-se e {IP|tavø=estava} a sementeira feita à conta de Deus.

INQ1 Então essa maneira de, de pôr o trigo, dizia que estava a quê? A?...

INF [AB|É, é] A espalhar.

INQ1 E se fosse o milho, que era assim?

INF [AB|É] É botar milho.

INQ1 Botar milho.

INF Ou deitar milho.

INQ1 Não se dizia ao, ao rego, nem à ...? É que havia duas respostas a isto.

INF Não. E há trigo também que...

INQ2 Ao rego.

INF Também deitavam trigo {PH|ø=ao} rego. Havia quem deitasse o trigo {PH|ø=ao} rego. Mas

[AB|essa] essa maneira era diferente. A gente 'encamalhava' a terra toda, com os reguinhos,

INQ2 Rhum-rhum.

INF toda, toda, toda, e depois é que espalhavam o trigo e passava a grade. Ficava o trigo todo no rego.

Não era botado com a mão, era espalhado a lanço, à mesma.

INQ2 Ah!

Código de identificação do ficheiro: STE27-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac1701_02 faixa: 1Ac1701b min: 18:03-19:21	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 27	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF O garfo é diferente.

INQ1 E este assim não há?

INF Esse tem outro nome. Há quem tenha disso e cavam terra [AB|com esses] com isso.

INQ1 Pois, mas não é normal, cá, haver?

INF Não senhor. É muito pouco. Até que dantes não havia.

INQ1 Pois. Claro.

INF É. Isto é uma coisa moderna.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum. Falaram-nos também num trabalho que se fazia, que era pôr água na... Não sei se era na, nas, nas coisas que se tinha no quintal, que era aguar ou augar?

INF Aguar, aguar, aguar.

INQ2 Que tipo de trabalho é esse?

INF Pois, aguar, {fp} a gente só faz isto agora depois de ter água em casa, {pp} que enquanto não havia água {RC|potável=potável}, canalizada, não.

INQ1 Pois.

INF Tomara a gente acartar água para se lavar e para beber e comer!

INQ1 Claro.

INQ2 Rhum-rhum.

INF {fp} Agora, a gente pois põe uma coisinha no quintal, uma 'torquineta' como essa. Os senhores sabem? Aquilo tem outro nome mas a gente chama-{PHli=lhe} 'torquineta'.

INQ1 Sim.

INF E espalha a água {fp}.

INQ2 Ah, sozinho?

INF É.

INQ1 Mas antigamente...

INQ2 Mas também não havia uma coisa feita de, de lata que tinha um, um?

INF Ah, um aguador? {fp}

INQ1 Usava-se antigamente?

INF Era o que se usava, era isso.

INQ1 Para se, para regar o quê? Regava o quê?

INF Ah, por exemplo, a gente semeava umas caseiras de melão, a gente {PHlo'gavɐ=aguava}, {fp} um que tinha um jardim, pois {PHlo'gavɐ=aguava} um nada, mas com pouca água porque não havia.

[Risos] Era.

INQ1 Pois. Ah, está bem.

INQ3 Desculpe lá, mas como era esse aguador? Qual era o feitio do aguador, essa lata, era?...

INF É, senhora, é uma lata, como outra lata qualquer, e depois tem [ABlum] um cano...

INQ3 Já sei.

INF É.

INQ2 Tem um chuveiro.

INF Tem um chuveiro [ABlã] à ponta.

Código de identificação do ficheiro: STE28-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Iva Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac1701_02 faixa: 1Ac1702b min: 14:02-15:23	
Assunto: O linho e o tear	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 28	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF1 Minha avó é que fiava nisto que tinha que ver! Eu não fio.

INQ1 *Que engraçado! Mas esses ainda são do tempo da sua avó?*

INF2 É!

INF1 E ela já morreu há trinta e seis anos.

INF2 É. E agora quando era fiar [AB|o{fp}] o linho era no ar. A lã era assim que se fiava.

INQ1 *A lã era em cima da mesa ou duma coisa qualquer?*

INF2 {fp} A lã, {fp} é, duma coisa qualquer. Era assim sempre. E agora a outra era no ar. Ele faziam assim.

INQ2 *Rhum-rhum.*

INF2 A isto é que se chama fusos.

INQ2 *O senhor há bocadinho falou e tem ideia, o linho também ia à água aqui?*

INF2 Ia à água! Ia à água. (Ele) agora eu não sei se era antes de ir {PH|o=ao} forno, se era depois de ir {PH|o=ao} forno. Ele ia à água. [AB|Ch-, chama-]

INQ2 *Ficava uma semana, ou uma coisa assim?*

INF2 Era mais. Era mais. Chamava-se-{PH|i=lhe} pôr o linho no lago.

INQ2 *Pôr o linho no lago.*

INF1 Já não há quem trabalhe com isso. [Risos]

INQ1 *É assim.*

INF1 Eu não sei.

INQ3 *Não tem, portanto, nenhuma posto aí numa folha?*

INQ2 *Não, não.*

INQ3 *Não, também não.*

INF2 Não tenho nada. Este até tinha e não vejo. [AB|Tinha] Minha mãe tinha-{PH|i=lhe} escrito aqui num a data que ela {PH|i=lhe} (tinha-lhe) /tinha\ mandado lho fazer.

INQ1 *Ai era? Ou seria neste?*

INF2 Não, esse é mais novo.

INF1 {PH|'idɐ=Ainda} tem mais dois até. Acho que quatro.

INQ1 *Então se calhar é num dos outros que está escrito e não se nota.*

INF2 É capaz.

INF1 Já são tão velhos!

INF2 Isto tinham que ser muito bem feitinhos, porque se isto [AB|fosse {fp}] tivesse um empeno qualquer, não fiava.

INQ1 Claro.

INF2 É. É.

INQ1 *Pois, isso se fica aí a rodar sozinho uma data de tempo!*

INF1 É.

INF2 É{fp}. Ou, a roda, se era mais escambada ou coisa, não dava certo.

Código de identificação do ficheiro: STE29-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Ivete Idade: 37	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Ivone Idade: 34	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703a min: 11:10-12:26	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O tear	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 29	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF1 Pronto, isso também a gente aqui temos. A gente aprendêramos isto sozinhas.

INQ1 Pois.

INF1 Porque as pessoas mais velhas não nos ajudaram nada.

INQ1 Não?

INF1 Não. Por isso, isso tem muito a ver, a gente não saber os nomes 'reales', tudo antigo, porque isto foi uma pessoa –

INQ1 Claro.

INF1 ela é mais velha de que eu um ano –, a minha colega, que é que aprendeu mas foi por alto. [ABIE f-]

INQ2 E aprendeu aonde?

INF1 Foi com uma senhora mais velha mas só {PHlli=lhe} deu umas explicações.

INQ2 Ah, que esquisito!

INF1 E então, a gente indo por nós, é que já fôramos {fp} tirando uns repassos [ABle{fp}] e aprendendo.

INQ1 Pois, porque, normalmente, até eles gosta-, as pessoas mais velhas até gostavam, normalmente, de ensinar para, para continuar.

INF1 Era algumas. Mas [ABlaque] aquelas que sabiam não era bem, bem aquilo que elas queriam ensinar. Por isso, [ABlnão] a gente [ABlnão] não temos os nomes fixos das coisas todas.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois, pois, pois.

INQ3 Mas ali naquilo, a senhora usa um?...

INF1 Aquilo é a urdideira, porque é para urdir os fios para se enrolar aqui no tear.

INQ3 E havia... Não, não sei se para fazer a urdidura quando estava a urdir-se, não tem uma tabuinha que?...

INF1 Eu tenho uma espalhadeira. É a [ABlespa-] espalhadeira.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Não sei se é esse nome [AB|que] que têm aí escrito [AB|mas].

INQ3 Não. A gente não estava a perguntar...

INQ1 Não. Há, há muitos sítios...

INF1 É a espalhadeira.

INQ1 Ah pois, aqui não está.

INQ3 Não estava a perguntar. E aquela caixinha onde tem os?... Não tem nome?

INF1 Caixinha dos novelos? {pp} Tem, tem nome.

INF2 Tem nome. Na (loja da Jorgina) era às maquias (...).

INF1 [AB|É, mas não sei se] As maquias, mas não sei se é esse o nome.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pronto, já foi um nome que a gente adaptou a ele. Não sei se é isso que...

INQ1 Pois, pois, pois.

Código de identificação do ficheiro: STE30-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Ivete Idade: 37	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Ivone Idade: 34	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703a min: 15:04-16:05	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: O linho e o tear	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 30	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF1 {PHlaw'gar=Aguar} a lã, nós fizemos. {IPlta=Está} uma senhora a fiar num fuso, a outra senhora a fiar – nós tratamos, depois de o fuso {IPltar=estar} cheio, nós tratamos a maçaroca –, juntamos os dois fios, é [ABlo] o {PHlaw'gar=aguar}, para o fio ficar mais grosso, para podermos trabalhar a malha da lã de ovelha, [AB|para{fp}] para se conseguir...

INQ Estavam a aguar a lã com lã.

INQ2 Sim senhora.

INF1 É. {PHlaw'gar=Aguar} era – nós {PHlaw'gavemu}=aguávamos}, a minha mãe também era igual –, era: nós {PHlaw'gavemu}=aguávamos} um fio com fio para ficar mais forte.

INQ1 Pois, pois, pois. Para ficar um fio duplo.

INF1 {fp} É isso. {pp} Nós estamos assim.

INQ1 Ah, exactamente. Claro.

INF1 Nós tratamos {PHlaw'gar=aguar} é juntar um fio duma com um fio doutro e para ficar mais seguro.

INQ2 Mas...

INF1 {PHl'idε=Ainda} torcemos um bocadinho.

INQ2 Mas isso era numa máquina ou era assim à mão?

INF2 (É à mão, é).

INF1 É tudo manual.

INF2 É isto.

INF1 É no fuso. É neste fuso.

INQ2 Passava-se por um fuso novo dos dois?

INF1 Não, era duas pessoas a fiar.

INF2 Não, era... Duas pessoas a trabalhar.

INQ2 Está bem.

INF1 Ou então [AB]luma fiava, fiava] uma trabalhava em dois fusos, fiava, enchia este fuso – tratava-se a maçaroca –,

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 tornava a pegar no outro fuso, quando tinha, mais ou menos, a medida que via que tinha fiado no primeiro, juntava os dois fios. Em casa também da minha mãe era assim.

Código de identificação do ficheiro: STE31-C	
Localidade: Santo Espírito Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Ivete Idade: 37	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Ivone Idade: 34	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703a min: 17:39-18:14	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: A lã e o tear	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 31	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF1 Este chama-se o sarilho. É onde se enrola a lã. Vai-se enrolando, depois, em fio, que é para fazer uma meada, se a gente quiser pintar. Que essas lãs que a gente temos aqui são pintadas por nós, {pp}

INQ1 Ah! Com quê?

INF1 para fazer as cores.

INQ1 Com?...

INF1 A gente compra cores, {pp} artificiais então.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E, também, a gente já fizemos uma recolha de se fazer cores com coisas naturais.

INQ1 Pois.

INQ1 Que giro!

INF1 Por exemplo, a raspa da pedra... {fp} Como é o outro?

INF2 Casca de cebola.

INF1 Casca de cebola também faz [ABlum a-] um amarelo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Tem mais uma que é o nome duma árvore.

INQ2 Urza-, urza-, urzela?

INQ1 'Urzadela'?

INF1 Não, é outro nome que a gente dá. Aquele nome [AB]que a gente] daquela árvore, que a gente recolheu, que faz o amarelo?

Código de identificação do ficheiro: STE32-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Iva Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703b min: 02:32-04:09	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 32	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Depois com o leite, quando ele estava parado um certo tempo, vinha ao de cima aquela parte mais grossa.

INF1 É, a nata.

INQ1 E que fazia o quê?

INF1 Fazia manteiga.

INQ1 E como é que se fazia?

INF1 Ele a manteiga era mais de vaca, mais de vaca, de cabra não se faz manteiga.

INQ1 Sim, pois.

INF1 [ABIA{fp} gente, o, o] Mas é o seguinte, isso é: havia umas desnatadeiras que tirava a nata. Mas a gente cá em nossas casas, a gente punha o leite a coalhar – uma espécie de iogurte –,

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 e depois, por cima, [ABlaparece a] fica a nata. A gente tira daquela púcara – uma púcara que leva aí dois ou três litros –, a gente tira hoje, tira amanhã, pois, quer dizer, cada dia.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 {fp} E depois quando [ABla gente já tem coiso] a gente já tem coisa dum litro, ou litro e tal, é que faz a manteiga.

INQ1 E como?

INF1 Numa batedeira.

INQ1 E como é que era essa batedeira?

INF1 Actualmente era numa batedeira; dantes era com uma colher a mexer, a mexer, a mexer.

INQ2 Dentro de quê?

INF1 Duma tigela.

INQ1 E essa batedeira actualmente como é que é? Como é que?...

INF1 É dessas bateadeiras de bater bolos.

INF2 Eléctricas. Dessas tchu, tchu, tchu, tchu.

INQ1 *Ah! Está bem.*

INF1 É. É, é.

INQ1 *É mais coiso?*

INF1 É mais prático.

INQ2 *Rhum-rhum. Pois é.*

INQ1 *Então servia para, para fazer manteiga?...*

INF1 Para fazer manteiga igual a esta que se vende aí.

INQ1 *E do resto do leite, o que é que se fazia?*

INF1 {fp} [AB|Havia] Se havia necessidade comia-se, e se [AB|não h-] não há necessidade deita-se ao porco. (Não há) necessidade, deita-se {PH|o=ao} porco.

INQ1 *Mas não fazia mais nada com o leite? Que era para fazer umas coisinhas redondas?*

INF1 Ah, isso é o leite que faz queijo. Não é deste! Esse vem mesmo da vaca.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF1 E depois deita-se coalho e é que se faz o queijo.

INQ1 *E esse coalho, o que era?*

INF1 É um líquido que se vende nas lojas.

INQ1 *E no tempo da sua mãe não se costumava pôr?...*

INF1 {fp} Ia-se {PH|o=ao} matadouro buscar [AB|um{fp}, um] um bocado [AB|de{fp}] parecido a tripa, que (se) chamava-se coalheira.

INQ2 *Chamava-se?...*

INF1 Coalheira.

INQ1 *Que era de que animal?*

INF1 Era [AB|de] da vaca, era [AB|do to-] de qualquer animal que remoesse, ruminante.

Código de identificação do ficheiro: STE33-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Judite Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703b min: 04:25-04:55	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 33	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Essa coalheira vinha para casa, lavava-se muito bem lavada, e depois deitava-se-{PHll=lhe} um bocadinho de sal, vinagre e água. E aquilo ia estilando e daquilo é que a gente fazia o (coalho). Isso então é que deitava-se uma colher, duas, conforme o leite que se punha.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Olhe, diga-me uma coisa da manteiga, quando fazia a manteiga, aquilo que saía?...

INF Chama-se o soro.

INQ2 O soro.

INF O soro. Isso então é bom, come-se com pão esmiolado, broa.

INQ2 Ai é?

INQ1 [Corte na gravação] Da manteiga ou do queijo?

INF Da manteiga. O do queijo não se chama-se soro também. Mas não se aproveita. É {CT|pu3=para os} bichos.

INQ1 Sim senhor.

INF É.

Código de identificação do ficheiro: STE34-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Judite Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Iva Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703b min: 05:18-07:15	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 34	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 E depois como é que fazia?

INF1 Depois de ele {IP|tar=estar} talhado, é dentro numa vasilha. Minha irmã faz assim: tem [ABlo quei-] um cincho, que é uma formazinha...

INQ1 Feita de quê?

INF1 [AB|De, de] De lata.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 De lata ou de zinco.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 {fp} Assim redondo.

INF2 E uma tábuca.

INF1 E tem-se uma tábuca por baixo e põe-se aquilo em cima, com um paninho à volta para não deixar escorrer, e ali põe-se a escorrer. E as mulheres, as senhoras, têm ali as mãos em cima, um bocado, ali, e coiso, e coiso.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E depois dali passam para um mais pequenino.

INQ1 Para outro cincho mais pequenino?

INF1 Mais pequenino. E fica ali para amanhã, com sal por cima.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 E{fp} com uma tábuca em cima.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 À noite, volta-se e põe-se sal do outro lado, e fica assim.

INQ1 E essa tábuca depois não se punha dentro numa coisa que era para ajudar a escorrer o soro para baixo?

INF1 A{fp} tábuca {IP|ta=está} dentro dum alguidar [ABle{fp}] e o{fp} soro escorre para dentro do alguidar.

INQ1 Portanto, aqui não havia nada que se chamasse a francela? Nunca ouviu?

INF1 Não conheço.

INQ1 Está bem. É porque é noutros sítios.

INQ2 E, portanto, também se usava aqui assim sem, antes de fazer os cinchos de lata?...

INF1 Fazia-se de madeira.

INQ2 De madeira? Era de madeira.

INF1 Rhã-rhã. Era de madeira, era.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 E, portanto, de espadana não faziam?

INF1 Muitos também!

INQ2 Também?

INF1 Muitos! Muitos, de espadana!

INQ2 Rhum-rhum. E eu queria-lhe perguntar... Ah, já sei. O que é a moira, a moira do queijo, conhece?

INF1 A moira do queijo é aquilo que escorre. Por exemplo, o queijo fica, {pp} como se falou,

INQ2 Rhum.

INF1 na tábua{fp} e escorre um 'resume' para baixo. Aquilo é que se chama a moira do queijo, que é para deitar dentro da tal coalheira para fazer o tal líquido para talhar o leite.

INQ2 Ah, portanto, volta a ser aproveitado para talhar o leite?

INF1 Sim senhora. Não precisa todos os dias.

INQ2 Não é o soro?

INF1 Não senhora.

INQ2 Não é o soro.

INF1 [ABIÉ o] É o 'resume'.

INQ1 É aquilo que escorre ao fim do segundo dia ...?

INF1 (Ele) é. É, sim senhor.

INQ2 Pois, o soro é o que sai logo quando se está a apertar...

INF1 É o que sai naquela hora e esse bota-se fora.

INQ2 Pronto. Aquilo que depois vai saindo mais tarde...

INF1 [AB|Aquele] Aquele fica durante a noite e no outro dia é que a gente aproveita – não precisa todos os dias!

INQ2 Pois.

INF1 A gente hoje tira, põe, (ele) só daqui a dias outra vez... (Ele) põe-se fora.

INQ2 Rhum-rhum. Isso é que se chama?

INF1 O 'resume'.

INQ2 O 'resume'.

INF1 É.

Código de identificação do ficheiro: STE35-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703b min: 12:30-14:16	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 35	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Aquilo que se tira primeiro é a língua e o coração

INQ1 Rhum-rhum.

INF e{fp} o que a gente chama os bofes.

INQ1 Rhum-rhum.

INF É.

INQ1 Mas tudo aquilo junto como é que se chama? Aquelas coisas todas? Aquelas miudezas?

INF É as miudezas de porco.

INQ1 Miudezas.

INF É as miudezas de porco.

INQ2 Nunca chamam a fressura?

INF A fressura, chama-se fressura mas é quando {IP|ta=está} sozinha. "Isto é a fressura do porco".

INQ2 Ah, quando está cá fora assim...

INF [AB|A que {IP|ta=está}] Quando {IP|ta=está} fora, que a gente depois tira a fressura para um lado, o coração {CT|pɔ=para o} outro, a língua {CT|pɔ=para o} outro.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É.

INQ1 A fressura naquilo tudo o que é? Que parte do corpo?

INF Ele é os nossos pulmões.

INQ2 É os bofes?

INF É os bofes.

INQ1 Não é... A fressura não é o fígado, portanto?

INF Não senhor. [AB|Os bo-, os]

INQ2 O fígado é, não faz parte da fressura?

INF Faz. Ele vem tudo com as miudezas também,

INQ2 Pois.

INF mas tiram separado.

INQ2 Pronto.

INF É.

INQ1 Rhum-rhum. Portanto, eu posso dizer que fica a língua, fica o fígado, o coração e a fressura?

INF É, sim senhor. É. [AB]lele o fi-] O fígado vem separado.

INQ1 Rhum.

INF A língua, [AB]los, os p-] os bofes e {fp} o coração é que vem tudo junto para fora e depois a gente cá é que tira.

INQ1 Rhum-rhum. E então uma comida que se fazia com o fígado e com o sangue?

INF É o sarrabulho.

INQ2 Faziam?

INF Sarrabulho. Outros, em São Miguel, chamam [AB]sa-] sarapatel.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E a gente aqui era sarrabulho.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 E havia alguma que se chamasse a caçoila?

INF Há, sim senhor. É: faz-se com [AB]pa-] pedaços de carne, gordura e pedaços de fígado, tudo cortadinho,

INQ1 Rhum-rhum.

INF temperado com os seus temperos todos, vinho branco, laranja, {fp} canela, {pp} essas coisas todas. Isso fica dum dia {CT}pç=para o} outro e [AB]do] no outro dia é que se derrete, que se chama o molho de fígado.

INQ2 Rhum.

INF É.

INQ1 Mas é para depois se comer ao longo do ano? ...

INF É ao longo do ano. A gente, depois a gente arruma em manteiga, num boiãozinho, cobre-se com manteiga e vai-se tirando.

INQ1 Sim.

INF Vai-se pôr (no) tacho, aquece-se, a porção que a gente precisa!

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: STE36-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703b min: 16:52-19:36	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 36	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INF Os molhos é que se faz também [AB|com] com{fp} parte [AB|do{fp}] do bucho do porco – o bucho do porco, {pp} lavado e arranjado. [AB|E depois] E com peles! Também se faz com peles.

INQ1 Peles de quê? Peles das banhas?

INF Peles do porco.

INQ1 Ai peles de porco?!

INF Aquela pele que a gente esfola. A gente [AB|p-] pica bocados de carne, {fp} algum bocadinho de toicinho – quem gosta; quem {PH|nã=não} gosta {PH|nã=não} põe –, e arroz, cebola, e os seus temperos: colorau{fp}, canela, ou alho, tudo ali junto; caldeia-se aquilo tudo e faz-se uns saquinhos com as peles ou com o bucho e enche-se, que é o que se chama molhos.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Depois vai à panela a cozer [AB|e{fp}].

INQ2 Mas isso é comida que se faz para comer no, nos próximos dias? Não é uma coisa que se pode?...

INF Não senhor. Pode-se-a guardar na {FR|'frizi='freeze'} e comer daqui a dois ou três meses.

INQ2 Mas antigamente...

INQ1 Mas antigamente não.

INF Antigamente não. Era comido ali {fp} numa semana ou{fp} pouco mais.

INQ2 Então, debaixo da manteiga, já me falou no molho de fígado, e que outras coisas é que se conservavam?

INF Também se conservam os chouriços, a linguiça.

INQ2 Rhum.

INF O molho não é muito bom, nem a morcela.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 *O, por exemplo, os pés do porco, as orelhas?...*

INF Isso é tudo salgado.

INQ2 *Dentro de quê?*

INF Duma balsa de barro. [ABIU-] Uma balsa.

INQ2 *E aquela aguinha que?...*

INF É. Chama-se a moira.

INQ2 *O mais antigo então que se lembra era aquela balsa de barro?*

INF Era de barro.

INQ2 *Não era de madeira, nem nada disso. Era a balsa de barro.*

INF Não senhor, não senhor. Até eu {PHI'ide=ainda} uso é isso.

INQ1 *Portanto, não chamava salga?*

INF É a salga. É a mesma coisa.

INQ1 É a mesma coisa. Balsa...

INF A gente cá... A balsa é mais à moda [ABlde] de São Miguel. A gente aqui chama é as salgas.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF "Eu fiz uma salga". Também se salgava peixe {pp} nessas salgas.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INQ2 *Claro.*

INF Isto é, a que era de peixe era de peixe.

INQ2 *Claro. ...*

INF É. {fp} Salgava-se... {fp} "Eu tenho uma balsa [ABlde{fp}] de bonito". Outros diziam: "Eu tenho uma balsa [ABlde] de albacora". Outros diziam: "Eu tenho uma balsa de chicharro".

INQ2 *Rhum-rhum.*

INF E até havia quem dizia: "Ah, eu tenho uma balsa de pimentas".

INQ1 *Rhum-rhum. Ou uma salga.*

INF Que era a salga.

INQ1 *Sim senhor.*

INQ2 *Mas, portanto, salga é que foi sempre mais o nome de cá?*

INF É [ABlmais{fp}]. Para nós, aqui para baixo, era salgas.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INQ2 *Rhum-rhum.*

INQ1 *Olhe, e diga-me uma coisa, e chouriço moiro, havia alguma coisa?*

INF Chouriço moiro é uma outra qualidade de chouriços, [ABlque a gente]

INQ1 Como é que era?

INF que levam couros. Faz-se com os couros, com os bofes – quem quer, a gente já não põe –, e bocados de carne, e gordura. Isso chama-se o chouriço mouro. E os outros de carne é só carne.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF Não leva couros. [ABlMas]

INQ1 Pois.

INF É melhor. [ABlOs] Os de carne é melhor que o outro.

INQ1 Rhã-rhã.

INF É. [ABIO] Mesmo o mouro só serve para cozer na sopa.

INQ1 Ah!

INF Não é de fritar. E agora o outro chouriço, a gente pode fritar, ou assar.

INQ1 Pois, pois.

INQ3 Comer.

INF Comer à moda do continente que assam numas...

INQ1 Claro.

INF É.

INQ1 Numas coisinhas em barro.

INF É exactamente.

INQ3 E esse chouriço mouro não leva nada de sangue?

INF Não leva, não senhora.

INQ3 Não?

INF Nada. {pp} Pode que haja quem faça, mas cá não.

INQ3 Sim, sim.

Código de identificação do ficheiro: STE37-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1703b min: 28:06-30:03	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As abelhas	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 37	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Fazem a casinha delas, ou também?...

INF Isso é {pp} casinhas de abelhas, que a gente chama casinhas de abelhas. [ABI|Mas aquelas abelhas] Até isso dá, essas abelhas, é no terreno quando é muito pobre é que elas fazem essas casinhas.

INQ2 Ah!

INF Às vezes até dizem: "Ah, esta terra não presta, só para casinhas de abelha"!

INQ2 Ah!

INQ3 Que giro!

INF Rhã-rhã.

INQ1 Rhum-rhum. E a essa abelha não dá nome nenhum?

INF Não dá nada. [ABIA gente]

INQ2 Mas é assim uma abelha assim gordinha, não é?

INF Não senhora. [ABIÉ] É mais magrinha que as abelhas e mais pequenina, uma abelha miudinha.

INQ2 Ah!

INF E há umas outras abelhas que essas são... Não sei se chamam 'vésperas' que fazem nas paredes um{fp}..., com terra, que fazem ali...

INQ1 Sim.

INQ2 Era 'vésperas' que chamavam lá no outro sítio.

INF É.

INQ2 Também era 'vésperas'.

INF E há o abelhão, que é o abelhão que morde e que não dá mel.

INQ1 Que é gordo, que é grande e faz muito barulho a voar?

INF Gordo, amarelo. É. é.

INQ2 Amarelo.

INF E morde muito a gente e não morre.

INQ1 Rhum-rhum.

INF É.

INQ1 E da 'véspera', aquele, aquele sítio que elas fazem todas juntas, eu digo assim: "Ali está um" quê? Ou não se chama nada?

INF É um enxame. Sendo da abelha [RPl de, de]... Porque quando a gente acha um cacho de abelhas, chama-se um enxame.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhum-rhum. E quando era um enxame assim pequenino?

INF Não era uma toca?

INQ2 Uma toca?

INF {fp} Quando é aquelas pequeninas que fazem na terra [AB|por cau-],

INQ1 Ah!

INF aí é que chama-se a toca.

INQ1 Pois, as pequeninas.

INQ2 A toca. O sítio onde elas se fazem?

INF Adonde elas estão [AB|cha-] chama-se a toca.

INQ1 E essa...

INF Porque elas fazem assim uma coisa a jeito duma tigela, e tiram a terra toda para fora e só deixam um buraquinho pequenino, para entrarem e saírem.

INQ2 Pois.

INF Isto é aquelas ruins!

INQ1 E a das 'vésperas', como é que é a toca delas?

INF A toca dela é nas pedras.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Nos buracos ...

INQ2 Mas fazem assim umas coisinhas?

INF Fazem.

INQ2 Fazem uns favos?

INF Por exemplo, [AB|a, a, a] a pedra tem [AB|lum{fp}] uma superfície para dentro. E elas fazem ali [AB|os seu{fp}] {pp} o favo.

INQ2 O favo. Como se fosse...

INF Mas é um favo com três ou quatro favinhos só e guarnecido com terra por fora.

INQ2 E chama-lhe o quê, a esse coisinho onde elas?...

INF É as casinhas das abelhas. Que a gente, quando era rapazes, íamos com um pauzinho tirar o{fp}... E comer.

INQ1 Olhe, nunca ouviu chamar a essas abelhinhas, abelhinha de São João? Ou há outro nome?

INF As de São João é as 'tales' [AB|de] que fazem nas terras pobres.

INQ2 Ah!

INF É.

Código de identificação do ficheiro: STE38-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1704b min: 20:10-21.11	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Ervas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 38	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INF Isto é marcela.

INQ1 Cento e vinte e um.

INF {fp} Marcela ou camomila, o nome disto.

INQ2 Mas cá chama-se marcela?

INF Marcela.

INQ2 Olhe, essa que também dá aí muito nas...

INQ1 Nas paredes.

INQ2 Nas paredes.

INF Isto é fava-da-cova.

INQ1 Sim senhor, que é a cento e vinte e dois.

INF É.

INQ2 Esta também é boa para fa-, para chá.

INF Isto a gente cá trata a borragem.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Cento e vinte e três.

INQ2 Olhe, e costumavam até fazer um chá de borragem com, com ferrugem da?...

INF [ABIDa] Era, para quem tinha febre. Isto é erva-cidreira. Erva-cidreira que a gente chama cá.

INQ1 Cento e vinte e nove.

INQ2 Mas explique lá à minha, à Luísa, como é que era o tal chá com?...

INQ3 Com a ferrugem.

INF Era o seguinte: [ABlo ch-] {fp} não era bem o chá. {fp} A pessoa tinha {fp} febre, fazia-se com as flores desta borragem, fazia-se um chazinho. E tirava-se a ferrugem da chaminé, e com um bocadinho de banha, e punha-se nas solas dos pés à pessoa que tinha a febre. [Risos]

INQ2 Que engraçado!

INQ3 Portanto, eram duas coisas ao mesmo tempo, dois tratamentos?

INF Dois tratamentos. Vamos lá a ver qual era o que melhora.

Código de identificação do ficheiro: STE39-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170304 faixa: 1Ac1704b min: 24:04-24:51	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Ervas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 39	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Como é que se chama esse outro que tem ali umas ervas?

INF É o marroio.

INQ1 É horrível também o cheiro?

INF Rhã-rhã.

INQ1 Então e esse da, da...

INF [AB|O] O 'arrude' enjoa mais.

INQ1 O?...

INF 'Arrude'.

INQ1 O 'arrude' enjoa mais?

INF Rhã-rhã. Sim senhora.

INQ1 E, e servia para quê? Para a icterícia? Ou era para outras coisas?

INF {fp} Isso era muito bom era para... {pp} Quando a gente tem a vesícula muito cheia, fazer chá disso, ai é ótimo!

INQ1 Ah!

INF Eu {IP|'tivi=estive} muito mal em tempo porque (eu) /ele\ tinha sempre a vesícula muito cheia, sentia-me agoniado. Os médicos davam-me os comprimidos, não me fazia bem. Tomei uma novena daquele chá, nove dias a oito, pronto! Nunca mais senti nada!

INQ1 Ah! E é feito de quê? Das, das flores ou da?

INF É a rama.

INQ1 Da rama.

INF A rama. As flores nunca se utilizam. [AB|Só]

INQ1 Pois.

INF Só se vem tudo.

INQ2 E sabe mal, não?

INF Ah! É ruinzinho. Mas é remédio!

INQ2 Pois, claro.

Código de identificação do ficheiro: STE40-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705a min: 24:02-25:34	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 40	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Há alguma árvore aqui que se chame o urmo ou ulmo?

INF 'Ormo', 'ormo'.

INQ2 O 'ormo'?

INF É. Esta folha parece que é a do 'ormo'.

INQ2 Pois é.

INF É, é.

INQ2 Para nós seria do 'ormo'.

INF É, é.

INQ2 E o 'ormo' era usado para quê?

INF O 'ormo' serve para muitas coisas. Fazia-se sebes, em vez de ser com vimes. {fp} Serravam com a tal serra de serrar [ABle fe-], porque aquilo é uma madeira que verga muito. E para fazer os redondos e essa coisa toda, fazia-se era com isso.

INQ2 Rhum.

INQ1 E esses 'ormos' davam assim uma espécie duns nozinhos?

INF Dá. Dá muitos nós.

INQ1 Donde sai umas folhinhas, ou uns raminhos para o lado, finos?

INF É, é. Exactamente. É. Ah, mas isso há árvores grandes como pinheiros.

INQ2 Ai é?

INQ1 Pois. E a folha?...

INF A folha é esta.

INQ1 Pronto.

INQ2 É o número?

INQ1 Cento e noventa.

INQ3 Cento e oi-, e noventa e oito.

INF É.

INQ1 *Sim senhor. Esta não há cá.*

INQ2 *Esta não há cá, eu acho.*

INQ3 *Não deve haver.*

INQ2 *Freixos?*

INQ1 *Freixo?*

INF *Freixo, há sim senhora.*

INQ2 *Não me diga?!*

INF [AB|Eu tenho] Eu tenho um freixo aqui mesmo ali [AB|no] {PH|o=ao} pé do poço. Tenho uma árvore de freixo.

INQ2 *Ah, não vimos.*

INQ3 *Não vimos.*

INF *É, tenho sim senhora.*

INQ3 *Eu também não vi.*

INQ1 *E que, e a fo-?...*

INF *A folha é muito repenicadinha.*

INQ3 *É assim?*

INQ2 *Exactamente.*

INQ3 *Veja aqui.*

INF *É isto mesmo. É isto mesmo.*

INQ1 *Isto dá... Ela já está seca, mas tem... Isso era suposto aqui ...*

INF *É. é. É isso, é isso.*

INQ3 *Quase não se vê já.*

INF *Vejo! Eu {IP|to=estou} vendo, eu {IP|to=estou} vendo. É. É freixo, é. Eu conheço. E até*

[AB|quem vai aqui para] quem vai ele para São Lourenço ou {CT|pra=para a} Maia, e aqui mesmo em São José, um lugar que se chama São José, mesmo adonde {IP|ta=está} o letreiro que diz "São José", dois ou três metros à frente, {IP|ta=está} uma árvore destas.

INQ2 *Que engraçado! São José, a gente passa quando vai para a Praia.*

INF {CT|pa=Para a} Praia, é.

INQ3 *É mesmo em frente?*

INQ2 *Amanhã...*

INF *As senhoras reparem ali mesmo {fp} em frente, quase em frente àquela casa que fica à esquerda,*

INQ2 *Sim.*

INF {IP|ta=está} lá um freixo.

INQ2 *Ah!*

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF *Isto é muito bom {CT|pɔ=para o} reumatismo, este chá disto!*

INQ2 *Ah!*

Código de identificação do ficheiro: STE41-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Iva Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705a min: 26:29-27:35	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 41	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Mas não é uma, tipo de faia? É ou não é?

INF1 A senhora {fp} apanhou isto foi lá atrás?

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Ah, [ABlisto] isto veio das Flores.

INQ1 Ah!

INF1 {fp} Isto é {pp} {RC|faia-do-nor=faia-do-norte}. Chamam lá faia-do-norte.

INQ2 Do norte.

INF1 A gente aqui, isto é muito pouco conhecido. Eu tenho disto {pp} porque foi um homem que veio da Bermuda e semeou-a e deu-me umas plantas. Eu tenho aí umas sete ou oito plantas disto.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Mas (ele) há muito pouco disto cá.

INQ1 Ah!

INF1 Eu via era naquela igreja em São Pedro – não sei se a senhora sabe donde é São Pedro, aqui mais acima, tem uma igreja...

INQ1 Sim.

INF1 Eu via ali no adro várias plantas destas, mas cortaram. Isto pega de galho!

INQ1 Ai é?

INF1 E o freixo também pega de galho.

INQ1 Ah!

INF1 É. {pp} É.

INQ2 Ai é de?...

INF1 Ah, mas há cá uma planta – eu tenho aqui uma no quintal – que é igual a isto, que é {fp} uma que se chama a feijoa.

INQ2 A feijoa? Essa eu não sei o que é.

INF1 O senhor não conhece essa fruta?

INF2 Ah, não?! [AB|Eu não] Não é bom.

INQ2 Não. Mas come-se?

INF1 Come, sim senhor.

INF2 Sabe a remédio. Não é bom.

INF1 É como quem {IP|ta=está} comendo um medicamento.

INF2 Eu não gosto.

INQ1 Que horror!

INF1 É.

INF2 Sabe a remédio. [Risos]

INF1 É.

INF2 Ele já me apareceu com isso: "Vai lá deitar isso fora"! [Risos]

INQ1 Feijoa.

INF1 [AB|P_o-] É feijoa, é.

INQ1 Ai, que engraçado!

INF1 Eu não conheço tudo, mas conheço meia dúzia delas.

Código de identificação do ficheiro: STE42-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705b min: 00:09-01:09	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 42	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Então diga lá, este passarinho faz o quê?

INF Faz [ABlos] os ninhos nas barreiras. Não faz em árvores, nem faz [ABlem{fp}] em casas. Faz os ninhos é numas barreirinhas. Por exemplo, isto é um cerrado e {IPlta=está} outro aqui mais abaixo; ele faz assim nesta barreirinha. Faz o seu ninhozinho, sempre rente {PHl=ao} chão.

INQ1 E é um animal que é muito convivente com as pessoas, não é?

INF É. Até a gente se está comendo, [ABles] e a gente joga-{PHli=lhe} um miolinho de pão, e elas vêm comer.

INQ2 Caixinha.

INF É das aves mais mansas que há.

INQ1 É. Caixinha.

INF Este então eu não sei o que é.

INQ2 Não, esse não deve haver aqui.

INQ1 Olhe, e como é que chama a esses todos que andam aí a voar?

INF Praga. [Risos] Tudo que anda para aí a voar, a gente chama-{PHli=lhe} praga.

INQ1 Nunca chama melrinho?

INF Não, pois hoje há{fp} pessoas que tratam por melros, mas a gente, o melro é um bicho só, é o que é mesmo chamado melro.

INQ2 Pois.

INF É uma ave preta com o bico amarelo.

INQ1 Sim senhor.

INF E agora (ele) tudo junto é praga.

INQ1 Praga.

INF A praga.

INQ1 "Olha, tenho ali na gaiola uma praga"?

INF É um canário. [Risos]

INQ1 Ah, esse já tem nome?!

Código de identificação do ficheiro: STE43-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705b min: 10:29-11:55	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os insectos e outros invertebrados	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 43	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Esse, não sei se há cá, que dá uma, que rói a?...

INF Isso é o escaravelho. {pp} Seja por amor de Deus que não há por aqui.

INQ1 Deixa, vira à frente. O escaravelho não se parece mais com este?

INF {fp}

INQ2 Acho que não. O escaravelho de aqui, que eles anunciam no aeroporto não é este.

INQ1 Não é esse.

INF Não. (Ele) a gente aqui não tem disso, seja por amor de Deus. Isto também é um bicho que eu não sei o nome dele.

INQ2 Olhe, e há um muito parecido com este que até levanta o rabo?

INF A gente cá chama-{PHlli=lhe} fura-pés.

INQ2 Fura-pés?

INF Fura-pés.

INQ2 Mas ele não faz mal nenhum?

INF Morde!

INQ2 Ai é?

INF Morde, sim senhora! Já me chegou a morder, em pequeno, num dedo!

INQ2 Ah, mas levanta o rabito?

INF Levanta o rabinho para cima.

INQ1 Todo preto?

INF Todo preto. A gente tinha uma bacia {pp} destas [ABlde{fp}] de loiça, ali [ABlno] neste quarto atrás. E o que havia eram as armações em ferro – não sei se os senhores conheciam, [ABlque a gente] de lavar as mãos.

INQ2 Sim, sim.

INF E ele esse bicho ia ali para dentro. E eu pequeno, a mexer com ele, a mexer com ele, e ele ferra-me uma grande ferrada num dedo! –

INQ2 Que horror!

INF com aquela tesoura. Ele tem como uma tesourinha.

INQ2 Ai, é como uma tesoura?

INF É com uma tesoura, é.

INQ2 Ah, então já sei.

INF É.

INQ1 É quase no fim de tudo. No fim. É no fim mesmo.

INQ2 Espera aí.

INF É isto mesmo! É isto mesmo! Sim senhora. {fp} Ele morde é com isto. É.

INQ2 E chama-lhe como, então, a esse?

INF Fura-pés.

INQ2 Fura-pés.

INQ1 É mais castanhinho?

INF É.

INQ2 A tesoura.

INF E há umas outras que chamam ferreiras, que é um bicho mais curtinho e mais grossinho, parecido

[ABla] a ele. [ABI Talvez]

INQ2 Mas também tem tesoura atrás?

INF Não senhora.

INQ2 Não.

INF Na boca.

Código de identificação do ficheiro: STE44-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Iva Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705b min: 19:27-21:27	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Os batráquios e reptéis	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 44	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INQ1 Um bichinho preto que se encontra no fundo dos tanques? Não sabe? Não tem ideia?

INF1 Não. Pois (ele) /eu\ conheço que nos fundos dos tanques da água, aparece umas bichinhas, mas são sobre compridinhas, a gente chama {PHlsẽyi'surẽ}=sanguessugas}.

INQ1 Como?

INF1 {PHlsẽyi'surẽ}=Sanguessugas}.

INQ2 E usava-se aquilo para alguma coisa?

INF1 Não senhor.

INQ2 Não sei se o senhor se lembra.

INF1 [ABINão me] Nunca me lembro de isso se usar...

INQ1 E aquilo pega-se à... Sei lá, é, é perigoso, ou assim, ou não?

INF1 Não{fp} é perigoso nada. Eu até já li num livro que aquilo quando elas estão na água, {pp} faz-se um barómetro com elas.

INQ1 Rhum.

INF1 Quando elas estão muito sossegadas é bom tempo e quando elas {IPltẽw=estão} muito agitadas e a mexer na água é mau tempo.

INQ1 Ah!

INF1 É.

INQ1 Mas chama-lhe sanguessugas?

INF1 {PHlsẽyi'surẽ}=Sanguessugas}. Isto são rãs.

INQ3 Exacto. Uma só é uma?...

INF1 Uma {PHlẽ'rẽ=rã}.

INQ2 E a, e a rã pequenina, quando está na água, que tem só uma cabecinha e um rabinho para trás, ainda não tem as pernas e isso tudo...

INF1 Tem um nome, mas eu não me recordo o que é. Há muito, não é?!

INF2 Ele há muito, pois há.

INF1 Rhã.

INQ2 Sim senhor. E maior do que a rã, havia alguns aí pelos, pelos campos? Não?

INF1 Isto até não havia disto cá. [AB|Meu]

INQ3 Ai não?

INF1 Meu pai (disse) que quem trouxe isso foi um senhor que veio para aqui morar – que tem a casa mais alta da vila! –, {fp} que é que trouxe da Inglaterra.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Não havia {PH|e'ɾẽ}={rãs} cá.

INQ2 Rhum-rhum. Importa-se de voltar...

INQ1 Olha, e...

INQ3 Espera aí.

INQ1 Já perguntaste a pequenina?

INQ2 Já.

INQ1 Ah!

INQ2 Diz que sabe o nome mas que não se lembra agora.

INF1 O pequenino. {fp} aquilo tem um nome. [AB|Em pequeninos] {fp}

INQ1 Mas não chamam rãzinha?

INF1 Não. {pp} Agora não me recordo. Mas tem um nome!

INF2 (...) [Risos]

INQ1 E, olhe, quando, quando elas estão a fazer barulho, diz que estão a quê?

INF1 {IP|tẽw=Estão} cantando.

INQ1 Portanto, "Olha, eu estou a ouvir uma rã"?...

INF1 A cantar.

INQ2 Essa aí, também não...

INF1 E [AB|é] é o seguinte, {fp} a gente aqui tem essa experiência: quando elas cantam {fp} [AB|lo tempo de elas]... Agora não cantam.

INQ1 Pois. Só quando é no...

INF1 Elas cantam é de Março para diante.

INQ1 Rhum.

INF1 Mas quando elas estão a cantar em Janeiro ou Fevereiro, {IP|ta=está} muito Inverno para vir.

INQ1 Ah!

Código de identificação do ficheiro: STE45-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705b min: 24:19-28:19	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As abelhas e o mel	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 45	Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06

INF [AB]As a-] Os cortiços são tirados por o São João ou São Pedro, que é fins de Junho. E as colmeias é um mês mais tarde ou, às vezes, mais. {fp} A cresta [AB]da, da] das colmeias é da seguinte maneira. Qualquer colmeia tem... {pp} Qualquer colmeia {pp} tem... Os senhores conhecem a{fp} colmeia?
INQ1 Sim.

INF Tem [AB]a alça] o ninho e a alça. {fp} A parte de baixo não se tira nada. É para elas, que é onde elas fazem {fp} a criação e isso tudo.
INQ2 Ah!

INF E põe-se a parte de cima. Se {IP]ta=está} forte, tem uma alça e põe-se mais uma outra alça. {pp} Quando se põe a primeira alça {pp} – quando se põe a segunda – tira-se a primeira para cima e põe-se {fp} a segunda em baixo. Bom, fica ali. Quando a gente vai tirar, é preciso que não tenha criação nenhuma.
INQ2 Pois.

INF Vai-se tirar o mel. O mel não é tirado da maneira que a gente tira dos cortiços, que os cortiços é espremido à mão. Há mesmo umas máquinas
INQ2 Rhum!

INF que a gente desaperta dum lado e outro o quadro, mete dentro da máquina e a máquina rh-rh!, e sai...
INQ2 Centrifuga? É como a centrifugadora?

INF {fp} Centrifuga. É. Tira fora [AB]le{fp}] e o mel já vai {RC]co=correndo}. Tem uma torneira que vai correndo e a gente ali é que vai armazenando o mel.
INQ2 Rhum-rhum.

INF É.
INQ2 Sim senhor.

INQ1 E o que é que fica? Tira o mel para um lado e aquela coisa branca que até se fazia as velas?...
INF {fp} Não. As velas nunca foram feitas de cera de abelha.

INQ1 Não?

INF Eram feitas de {PH|sɨ|tɐ|ˈrɪnɐ=estearina}.

INQ2 Rhum!

INF É.

INQ1 Então a cera de abelha...

INF A cera de abelha era feita era em círios e outras coisas {CT|paz=para as} igrejas.

INQ2 Rhã-rhã.

INF É. [ABIE|le tira-se ele] Mas os quadros voltam {CT|pa=para a} colmeia outra vez.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E servem {CT|pɔ=para o} outro ano.

INQ1 Rhum-rhum.

INF É.

INQ2 Pois.

INQ1 A essa cera não dava nome nenhum? Cera virgem, ou cera?... Não?

INF [AB|Ce-] {fp} Cera de abelha.

INQ1 Cera de abelha.

INF É o nome dela é cera de abelha.

INQ1 E aquela abelha que manda em todas?

INF É a rainha.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhum-rhum.

INF É. É maiorzinha.

INQ1 Pois.

INF É. Que é a que põe os ovos todos.

INQ3 Pois.

INQ2 E nunca faziam mais nada sem ser o mel? Nunca tiravam mais nada de lá? Misturavam água, por exemplo?...

INF Não. Há quem aproveite aí para fora, [AB|para{fp}] para São Miguel e {CT|pɔ=para o} Pico.

Tiram outras coisas sem ser... A gente aqui é só o mel. Mas eles tiram {fp} o {PH|ˈpɔlu=pólen} – o {PH|ˈpɔlu=pólen}. Eles aproveitam isso. A gente cá não. [AB|Nã] Não temos preparos para isso.

INQ2 Ah!

INF Isso diz que deixa muito dinheiro.

INQ2 Pois, acho que sim.

INF E fazem geleia-real que é para depois fazer criação.

INQ2 Exactamente.

INF É. A gente cá não, não tem nada disso.

INQ2 Não tem...

INF Eu, apenas o que eu faço é{fp} alguns enxames [AB|art-] artificiais, é o que eu faço.

INQ3 Pois.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Como é que são?

INF [AB|Porque há o] Há o enxame natural.

INQ2 Sim.

INF E há o enxame [AB|art-] artificial.

INQ3 E como é que é?

INF O artificial, a gente vai à colmeia, forte, tira- $\{PH|li=lhe\}$ três ou quatro [AB|q-] quadros que tenham criação de dois dias, $\{pp\}$ mais não, que $\{IP|ta=está\}$ em $\{PH|'lavre=larva\}$.

INQ2 Rhum-rhum.

INF E a gente pega nelas com abelhas e tudo e mete numa colmeia nova, $\{pp\}$ que não tenha nada.

INQ2 Sim.

INF E pega na colmeia velha, tira-a dali e fica a nova no sítio onde ela está. As que $\{IP|têw=estão\}$ fora vêm todas para dentro e começa-se a fazer ali um povoamento novo. Elas ficam muito inquietas que não têm rainha e dali [AB|f-] num alvéolo fazem uma rainha nova.

INQ3 Ai, que giro!

INQ2 Ai, que giro!

INF E a gente vai lá daí... Por exemplo, eu faço isto hoje, daí (ele) a cinco, seis dias vou lá ver. E já vejo o alvéolo da rainha que é diferente.

INQ2 Ah! É diferente.

INF É diferente.

INQ2 Conhece-se?

INF $\{fp\}$ [AB|Co-] Conhece-se. É assim mais ou menos deste tamanho e voltado para baixo.

INQ2 Ah, que engraçado! Mais ou menos três centímetros.

INQ1 E os outros estão?

INF Os outros estão assim...

INQ1 Deitadinhos?

INF Deitadinhos (ele) assim nesta posição e aquele $\{IP|ta=está\}$ para baixo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Quando a gente vê, diz: "Oh, já tem, já tem! Já tem!"!

INQ2 Ah, que engraçado!

INF E há outras que não fazem.

INQ2 Não consegue fazer?

INF Não conseguem... Não querem fazer mesmo! Depois de elas $\{PH|ítej'marĩ=teimarem\}$ não fazem.

INQ2 Rhã-rhã.

INF É.

INQ2 Que engraçado!

INF Mas, a gente faz. De repente, quando não acerta, a gente torna-as a ajuntar à mesma colmeia.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ3 Ah, sim, sim.

INQ2 Rhã-rhã. Pois.

Código de identificação do ficheiro: STE46-C	
Localidade: Pedras de São Pedro Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila do Porto Data: 1996
Informante1: Idalécio Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Ac170506 faixa: 1Ac1705b min: 28:23-29:50	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: As abelhas e o mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 41 faixa: 46	
Data da primeira transcrição: Mai.06 Data da revisão final: Out.06	

INQ1 Se vir um, um, um enxame de abelhas que anda por aí, não o pode agarrar?

INF Ah, faço sempre a diligência!

INQ1 Como é que é?

INF {fp} A gente vai atrás dele até ele pousar, se não vai para muito longe.

INQ1 Ai vão... Mas não fazem, não batem no chão?...

INF Bate-se, bate-se, ou com latas, ou joga-se água, ou joga-se terra para ver se ele poussa.

INQ1 Ah!

INF É.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Ir fazendo muita bulha atrás dele...

INQ1 É?

INF E elas pousam e depois de {IP|tarẽj=estarem} pousadas, então a gente vai a recolhê-las.

INQ3 Pois.

INQ1 O senhor sabe fazer essas coisas todas?

INF Sei, sei, sei.

INQ2 Mas como é que as mete para dentro? Vão recolhê-las como?

INF Elas poisam {pp} numa árvore, ou numa parede, ou no chão.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhum.

INF [AB|Es-] Este ano pousou-me um no chão. E eu disse: "Ah, como é que eu vou fazer [AB|com este] com este enxame"? {fp} Veio-me uma coisa à ideia: peguei em dois pauzinhos [AB|e{fp}], ao lado, e peguei na colmeia e pus em cima {pp} [AB|das pedrinhas] dos pauzinhos.

INQ1 Rhum.

INF E o enxame {IP|tavẽ=estava} assim aqui. E depois começa-se a bater [Ruído de batimento] {pp} na colmeia e lá vão elas para dentro.

INQ2 Na colmeia.

INQ1 Tão engraçado!

INF E já quando é na árvore, pois a gente corta o galho da árvore, se é delgadinho, e sacode dentro da colmeia. E a colmeia fica ali. E elas, as que estão fora, recolhe-se tudo.

INQ3 Recolhe-se tudo.

INF Porque assim que entra a rainha, aquilo parece uma procissão por ali dentro.

INQ1 Que engraçado!

INF É. Aquilo é que é voar, voar tudo na mesma direcção.

INQ3 Que engraçado!

INF Eu tive [ABld-] este ano dois naturais, {pp} e fiz sete, sete, artificiais.

INQ3 Ah, ainda fez muitos!

INF Rhã!